

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA  
*CAMPUS FLORESTAL*

**O INVESTIDOR BRASILEIRO EM AÇÕES: quem são e o que fazem na  
bolsa?**

DENIO SILVA BATISTA

FLORESTAL  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2021

DENIO SILVA BATISTA

**O INVESTIDOR BRASILEIRO EM AÇÕES: quem são e o que fazem na  
bolsa?**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Viçosa – *Campus* Florestal, como parte  
das exigências de obtenção do grau de  
bacharel em Administração.

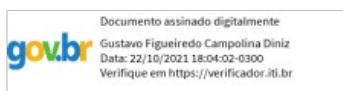
FLORESTAL  
MINAS GERAIS – BRASIL  
2021

DÊNIO SILVA BATISTA

**O INVESTIDOR BRASILEIRO EM AÇÕES: quem são e o que fazem na bolsa?**

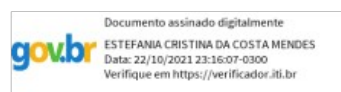
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Viçosa – *Campus* Florestal, como parte das exigências de obtenção do grau de bacharel em Administração.

APROVADA: 22 de outubro de 2021.



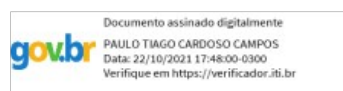
---

Gustavo Campolina Diniz



---

Estefânia Mendes



---

Paulo Tiago Cardoso Campos  
(Orientador)

## RESUMO

O presente trabalho objetivou descrever o perfil dos investidores brasileiros na bolsa de valores, do ponto de vista socioeconômico. Buscou-se também medir preferências e percepções desses investidores em relação ao mercado de ações. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de campo através de um questionário estruturado. O resultado nos mostrou um perfil de indivíduos predominantemente do gênero masculino, solteiro, formação superior, assalariados, renda média acima de 4 salários-mínimos e com menos de 2 anos de investimento. Apresentam conhecimento mediano acerca do mercado acionário, investem na busca por maior rentabilidade, com objetivos de longo prazo, como independência financeira e aposentadoria. Costumam aplicar acima de 20% da renda em ações e se utilizam da análise de investimento em ações ao selecionar os ativos. Acompanham com boa frequência notícias e resultados das empresas e estão atentos às cotações, apesar de fazerem poucas trocas na carteira de ações. Estão satisfeitos quanto aos resultados alcançados.

**Palavras-Chaves:** Mercado de capitais. Renda variável. Bolsa de valores. Ações.

## ABSTRACT

This study aimed to describe the profile of Brazilian investors in the stock exchange, from a socioeconomic point of view. It was also sought to measure preferences and perceptions of these investors in relation to the stock market. Therefore, a field research was carried out through a structured questionnaire. The result showed us a profile of predominantly male individuals, single, college educated, salaried, average income above 4 minimum wages and with less than 2 years of investment. They have average knowledge about the stock market, invest in the search for greater profitability, with long-term goals, such as financial independence and retirement. They usually invest more than 20% of their income in stocks and use stock investment analysis when selecting assets. Furthermore, they frequently follow company news and results and are attentive to quotations, despite making few exchanges in the stock portfolio. They are satisfied with the results achieved.

**Keywords:** Capital market. Variable income. Stock Exchange. Stocks.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Histórico de pessoas físicas na B3.....2

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1: Distribuição por gênero.....  | 13 |
| Gráfico 2: Distribuição por faixa etária.....  | 13 |
| Gráfico 3: Distribuição por escolaridade.....  | 14 |
| Gráfico 4: Distribuição por Estado Civil.....  | 14 |
| Gráfico 5: Distribuição por renda média mensal.....  | 15 |
| Gráfico 6: Distribuição por ocupação.....  | 16 |
| Gráfico 7: Distribuição por experiência no mercado de ações.....   | 17 |
| Gráfico 8: Distribuição por motivação para investir em ações.....  | 17 |
| Gráfico 9: Distribuição por nível de conhecimento no mercado de ações.....                                 | 18 |
| Gráfico 10: Distribuição por porcentagem da renda alocada em ações.....                                    | 18 |
| Gráfico 11: Distribuição por objetivos para investir em ações.....   | 19 |
| Gráfico 12: Distribuição por horizonte de tempo para resgate dos investimentos.....                        | 20 |
| Gráfico 13: Fontes de informações usadas no processo de decisão de compra de uma ação...                   | 21 |
| Gráfico 14: Distribuição por estratégias de investimento.....  | 22 |
| Gráfico 15: Distribuição por frequência que realizam trocas na carteira.....                               | 22 |
| Gráfico 16: O que te influencia a comprar uma ação? (Sendo 1 baixa influência e 5 alta<br>influência)..... | 23 |
| Gráfico 17: O que te influencia a vender uma ação (Sendo 1 baixa influência e 5 alta<br>influência).....   | 24 |
| Gráfico 18: Frequência com que acompanham notícias e resultados das empresas nas quais<br>investe.....     | 25 |
| Gráfico 19: Frequência com que acompanha as cotações das ações nas quais investe.....                      | 26 |
| Gráfico 20: Distribuição por parâmetros para avaliar os investimentos.....                                 | 27 |
| Gráfico 21: Distribuição por satisfação quanto aos resultados dos investimentos.....                       | 27 |
| Gráfico 22: Como você se sentiu quando investiu pela primeira vez?.....                                    | 28 |
| Gráfico 23: Possui outro investimento em renda variável?.....  | 28 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO.....   | 1  |
| 2. REFERENCIAL TEÓRICO.....  | 4  |
| 2.1 Análise de investimento em ações.....  | 7  |
| 2.2 Estratégias de investimento em ações.....                                      | 9  |
| 2.3 A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro.....                          | 10 |
| 3. METODOLOGIA.....  | 11 |
| 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....   | 12 |
| 4.1 Perfil Socioeconômico.....   | 12 |
| 4.2 Sobre o investimento no mercado de ações.....                                  | 16 |
| 4.3 Hábitos de investimentos.....  | 20 |
| 4.4 Percepções quanto aos resultados alcançados com os investimentos em ações..... | 26 |
| 5. SÍNTESE E CONCLUSÕES.....   | 29 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 30 |
| 7. REFERÊNCIAS.....  | 31 |
| 8. APÊNDICE 1 – Instrumento de coleta de dados.....                                | 33 |

## 1. INTRODUÇÃO

Quando o assunto é investimento, podemos dizer que o brasileiro possui perfil conservador. A 3ª edição da Pesquisa da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (ANBIMA), do ano de 2020, mas com dados coletados em 2019, traça um Raio X do investidor brasileiro. Dentre as informações disponibilizadas, destacamos o fato de que 44% é o universo de brasileiros que relataram possuir algum investimento em produtos financeiros e, desse público, a grande maioria (84,2%) deixa seus recursos na caderneta de poupança. Fundos de Investimento (6%), títulos privados (5%), planos de previdência (5%), títulos públicos (4%) e moedas digitais (2%) também apareceram como resultado entre os entrevistados. Apenas 3% do universo pesquisado disseram realizar investimento em ações.

Esse percentual de 3% de brasileiros que possuem investimento em ações deixa o país muito para trás, se comparado a outras nações desenvolvidas. Matéria disponibilizada no Valor Investe (GOEKING, 2021) aponta que nos Estados Unidos, por exemplo, esse número chega a 55% da população. Ou seja, há uma enorme discrepância. No Japão são 45% de investidores em ações. Austrália (35%), Inglaterra (33%) e Alemanha (15%) são outros países que tem porcentagem bem maior em relação ao Brasil.

Pires et al. (2013) argumentam que historicamente alguns fatores contribuíram para o afastamento do investidor brasileiro do mercado de ações em contraste com outros países como os Estados Unidos, por exemplo. Até o final da década de 90, o Brasil vivia um contexto de grande instabilidade econômica aliado a um alto grau de inflação. Ao mesmo tempo em que esse cenário tornava o ambiente de investimento em ações no país muito arriscado, a inflação alta estimulava o consumo em detrimento da construção de uma reserva financeira para investimentos. Esses fatores causavam certo medo no investidor, desestimulando-o a assumir maiores riscos.

Nos Estados Unidos, por outro lado, o ambiente econômico propiciava uma cultura financeira fortemente baseada no mercado de ações. Pires et al. (2013) relatam, como exemplo, o fato de lá não haver possibilidades de auxílio para o jovem ingressar no ensino superior gratuitamente (como é o caso do Programa Universidade para Todos – PROUNI – no Brasil). Isso fazia com que as famílias investissem suas reservas financeiras em ações, visando justamente garantir a educação superior dos filhos no futuro.

Hoje o cenário econômico do Brasil, conforme descrevem Pires et al. (2013), é diferente do vivido até o final da década de 90, tendo a economia e a moeda estabilizadas e inflação em níveis relativamente controlados, tornando o ambiente para investimento em ações mais propício. O



declínio da Taxa SELIC<sup>1</sup>, que afeta negativamente os rendimentos da renda fixa (poupança, títulos públicos e privados) também pode ser um fator contribuinte para esse aumento de interesse na renda variável.

Sejam por esses ou por outros motivos, se analisarmos os últimos anos, podemos constatar que o número de investidores brasileiros na Bolsa de Valores está em forte crescimento. Uma pesquisa no site da B3<sup>2</sup> (ver tabela 1) aponta que o número de pessoas físicas na Bolsa em dezembro/2020 era de 3.229.318, quase o dobro dos investidores pessoas físicas de 2019 (1.681.033) que, por sua vez, era mais que o dobro dos 813.291 registrados em 2018.

Tabela 1 - Histórico de pessoas físicas na B3

| Ano  | Homens     |        | Mulheres   |        | Total Pessoa Física | Taxa crescimento anual |
|------|------------|--------|------------|--------|---------------------|------------------------|
|      | Quantidade | %      | Quantidade | %      |                     |                        |
| 2016 | 433.759    | 76,90% | 130.265    | 23,10% | 564.024             |                        |
| 2017 | 477.887    | 77,13% | 141.738    | 22,87% | 619.625             | 9,86%                  |
| 2018 | 633.899    | 77,94% | 179.392    | 22,06% | 813.291             | 31,26%                 |
| 2019 | 1.292.536  | 76,89% | 388.497    | 23,11% | 1.681.033           | 106,7%                 |
| 2020 | 2.382.049  | 73,76% | 847.269    | 26,24% | 3.229.318           | 92,1%                  |

Fonte: Site B3 com adaptações do autor.

Essa evolução é positiva para o país e precisa ser fomentada. O investimento no mercado de capitais, sobretudo em ações, contribui para o crescimento da riqueza nacional. Através da Bolsa, os recursos excedentes dos investidores são captados pelas empresas listadas e são usados em projetos de expansão, capazes de gerar emprego, renda e valor aos investidores. (ASSAF NETO, 2006).

Não é difícil, atualmente, encontrar pessoas conversando sobre bolsa de valores, investimento e ações. Rodas de bate papo informais, conversas em ponto de ônibus, almoço em família... enfim, é muito comum ouvir relatos de novos investidores ou interessados em entrar no mundo da renda variável.

Quem são esses investidores no mercado de ações no Brasil? Qual a sua formação, ocupação, faixa etária, gênero, estado civil e condição econômica? Quais são seus objetivos com os investimentos em ações? Como investem? São algumas das perguntas que esse trabalho se propõe a responder.

O objetivo desse trabalho é descrever o perfil dos investidores brasileiros pessoa física na bolsa de valores, sobretudo os novos entrantes. De forma específica, busca-se esmiuçar o perfil

1 SELIC é a taxa básica de juros do país. Sua meta é definida pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (COPOM) e objetiva o controle da inflação. A Selic influencia em todas as taxas de juros do país, como dos empréstimos, financiamentos e das aplicações financeiras.

2 B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) é a bolsa de valores do Brasil, onde os títulos mobiliários são negociados.

socioeconômico desse investidor: formação, ocupação, faixa etária, gênero, estado civil e condição econômica. Além da questão socioeconômica, o trabalho se propõe a medir preferências e percepções desses investidores em relação ao mercado de ações, tais como grau de entendimento sobre o mercado, objetivos e estratégias, uso de técnicas para seleção de ações, frequência com que tomam decisão de compra/venda de ações e o que os influenciam a esse respeito, se acompanham os resultados das empresas das quais são sócios e onde buscam informações sobre os ativos que lhes interessam.

Os dados levantados com esse trabalho fornecerão um retrato de quem são os investidores de renda variável no Brasil e, principalmente, como se comportam no mercado de ações, podendo fornecer subsídios para o desenvolvimento da educação financeira no país.

Savoia, Saito e Santana (2007) argumentam que o assunto educação financeira é discutido no mundo todo com destacada importância. No Brasil, por outro lado, esse assunto ainda se encontra em estágio de desenvolvimento inferior. Por aqui, segundo argumentam os autores, os principais estudos e capacitações são conduzidos por instituições privadas e públicas como o Banco Central do Brasil (BACEN), Comissões de Valores Mobiliários (CVM), Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), dentre outras. Mas são iniciativas tímidas para alterar a situação vigente no país.

Cordeiro, Costa e Silva (2018) realizaram um trabalho discutindo sobre a inserção do tema educação financeira no ambiente acadêmico de formação básica. Os autores sustentam que o tema aparecia de forma tímida nos currículos escolares nacionais, mas que foi ganhando força a partir de 2010, quando houve sua formalização nos currículos. Citam ainda um aumento da abordagem desse tema no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) a partir de 2008.

Recentemente tivemos mais um avanço no Brasil através da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que determina que o ensino da educação financeira seja obrigatório de forma transversal no ensino infantil e fundamental, já a partir de 2020, seja em escola particular ou pública.

Entendemos que discutir educação financeira é contribuir para o futuro do país, através da educação de cidadãos mais conscientes financeiramente que acarreta maior qualidade de vida presente e futura. Esse estudo dará mais uma pequena contribuição ao desenvolvimento do tema. Consideramos que os resultados a serem alcançados aqui, além de ser de grande utilidade para a sociedade em geral, serão úteis à comunidade científica nacional, sobretudo aos cursos que tem forte relação com a área dessa pesquisa, notadamente Administração, Contabilidade e Economia.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de escrever especificamente do investimento em ações, que é o objetivo desse trabalho, precisamos entender em que contexto esse mercado de ações está situado. Conforme destacam Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010), em todo mundo as empresas estão inseridas em um ambiente econômico em que há agentes com recursos financeiros disponíveis, enquanto outros agentes enfrentam escassez desses recursos. Denominam-se agentes superavitários os agentes com disponibilidade de recursos. São fontes de recursos financeiros excedentes: “pessoas físicas com rendimentos acima de seus gastos, organizações em ganhos superiores às suas oportunidades de investimento, governos com arrecadação maior do que suas demandas econômicas, políticas e sociais” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 18). Por sua vez, os agentes com escassez de recursos são reconhecidos como agentes deficitários: “pessoas físicas cujos rendimentos não cobrem suas despesas correntes, organizações com despesas e oportunidades de investimento acima de suas receitas, governos cuja arrecadação fica aquém de suas necessidades de recursos” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 18). O mercado financeiro é o órgão que faz essa conexão, ou conciliação de interesses, entre poupadores e tomadores de recursos, entre agentes superavitários e agentes deficitários (ASSAF NETO, 2012). Dito de outra forma,

O mercado financeiro viabiliza a intermediação de recursos financeiros: dinheiro, crédito e capitais. Possibilita a captação e aplicação de recursos no curto e no longo prazo. É operacionalizado por diferentes instituições financeiras, de natureza privada e pública, as quais têm suas operações supervisionadas por órgãos reguladores e fiscalizadores, normalmente, de natureza pública (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 299).

Assaf Neto (2012) sustenta que as empresas são grandes tomadoras de recursos no mercado financeiro. Tendo em vista que o lucro gerado pela empresa por si só não é suficiente para suprir a demanda de capital que apresentam para investimento, elas podem lançar mão de capital de terceiros no mercado financeiro. Esses recursos externos, segundo o autor, podem ser captados “através de empréstimos e financiamentos (dívidas), e subscrição de ações pelos investidores no mercado” (p. 78). Do ponto de vista da empresa, se financiar através de capital de terceiros na maioria das vezes é mais vantajoso, dado que o seu custo é menos oneroso do que o custo do capital próprio.

Bodie, Kane e Marcus (2000) nos informam de uma tradicional segmentação do mercado financeiro em mercado monetário e mercado de capital. O mercado monetário é caracterizado por ser de menor risco, alta liquidez e de curto prazo. É um subsetor do mercado de renda fixa. Nas palavras dos autores, “consiste em títulos de dívida de prazo muito curto e de fácil negociação” (p. 43).

Por outro lado, o mercado de capital, onde está o interesse desse trabalho, é composto de títulos de natureza mais arriscada, de prazos mais longos e com títulos mais diversos se comparado ao mercado monetário. É o mercado em que as empresas se capitalizam. É de extrema importância para o desenvolvimento econômico de um país: ao mesmo tempo em que permite que empresas captem recursos para se desenvolver a custos competitivos, oferece ao poupador oportunidade de diversificação de seus investimentos. Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) relatam contribuições que o mercado de capitais fornece para o desenvolvimento econômico do país, dentre elas:

Facilita o fluxo de capital dos agentes superavitários para o investimento em indústrias, comércio e serviços. Fornece maior agilidade às negociações para alteração de propriedade ou controle da empresa. Facilita processos de privatização. [...] Permite aos poupadores a aplicação de seus recursos em diferentes empresas ao mesmo tempo, com amplo acesso às informações sobre as companhias e alta liquidez do investimento. Incentiva a formação de poupança interna de longo prazo, promovendo o crescimento autossustentado do país. (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 297).

Além de ser importante para o desenvolvimento econômico do país, como acabamos de descrever, o investimento em ações pode ser muito lucrativo ao investidor, uma vez que oferece a possibilidade de auferir ganhos superiores em relação a outras modalidades de investimento como é o caso da poupança, que é tão tradicional entre os poupadores brasileiros.

Henrique Linn (2018) em sua tese conduziu um estudo visando comparar o rendimento da poupança e de outros títulos de renda fixa face uma carteira de investimento em ações. Para tanto, utilizou-se de dados extraídos de fontes como BM&F BOVESPA, IBGE, BACEN, entre outras. Pegando um intervalo de tempo compreendido entre 2013 a 2017 o autor fez algumas simulações de retorno considerando 4 opções de carteira: uma somente com recursos aplicados em poupança; outra dita conservadora com 100% dos recursos aplicados em CDI; uma terceira dita intermediária, com 75% dos recursos aplicados em CDI e 5% em ações; e uma última carteira dita arrojada, com 25% dos recursos aplicados em CDI e 15% em ações. Nos critérios para escolha das ações, buscou-se por organizações privadas e estatais, com atuação em diversificados ramos do mercado, sendo escolhidas as ações da AMBEV, Itaú, Graziotín e Petrobrás. E também inseriram a criptomoeda Bitcoin na carteira de ações. O resultado mostrou que todas as carteiras tiveram ganhos líquidos reais acima da poupança e quanto maior a exposição às ações, maior o retorno obtido. No ano de 2017, por exemplo, a rentabilidade líquida real da poupança foi de 1% enquanto a carteira dita arrojada foi de 2.133%.

Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) também destacam que o mercado de capitais adquiriu relevância no Brasil a partir de 2003, motivado por alguns fatores. A estabilidade monetária promovida pelo Plano Real a partir de 1994 fez com que a sensação que os investidores tinham de alto ganho na renda fixa, advindo das correções inflacionárias, diminuísse, favorecendo o

planejamento de longo prazo de investidores e empresas. A lenta e gradual redução na taxa SELIC a partir de 2004, e mais ainda a partir de 2016, e a criação de distintos níveis de governança corporativa (dando mais segurança e transparência aos investidores), em 2001, foram outros aspectos que fomentaram a diversificação de investimentos, em contraste com a renda fixa. Os autores também citam alterações na legislação que ocorreram no século XXI, com a CVM (Comissão de Valores Mobiliários) tendo “seu poder de regulação e fiscalização ampliado, e os acionistas minoritários tiveram mais direitos garantidos” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 298).

Rangel et al. (2019) nos informam que a partir de 2007, quando o Brasil resolveu adotar as Normas Internacionais de Contabilidade (IFRS), desenvolvidas pelo Conselho Internacional de Normas Contábeis (IASB) houve uma padronização das normas contábeis em relação ao que se pratica no mundo, trazendo mais clareza e melhor entendimento das informações contábeis por parte do investidor estrangeiro. Esse fato acabou fortalecendo o mercado de capitais brasileiro, atraindo maior fluxo de investimento estrangeiro.

GITMAN (2010) atribui aos mercados de capitais o papel de criar e manter mercados com contínua liquidez, através dos quais é ofertada às empresas um local em que conseguem obter os recursos dos quais necessitam. Também é papel dos mercados de capitais a criação de mercados eficientes “que alocam fundos aos seus usos mais produtivos” (GITMAN, 2010, p. 23).

O mercado de capitais possui diversos títulos ou valores mobiliários, os mais negociados são as debêntures e as ações de companhias abertas. Como são negociados os títulos mobiliários? Já foi mencionado aqui que o mercado de capitais é onde empresas buscam atrair capital de poupadores para financiar seus projetos de expansão, equacionar dívidas etc. Portanto, quando precisam levantar capital, empresas podem optar por lançar ou vender títulos no mercado. O mercado primário é por onde se realiza “novas emissões de ações, de obrigações ou de outros títulos” (BODIE; KANE; MARCUS, 2000, p. 76). As emissões de mercado primário de ações ordinárias são de dois tipos: ofertas públicas iniciais (IPO) ou novas emissões de qualidade. Entende-se por IPO “ações emitidas por uma empresa anteriormente fechada que está virando sociedade anônima de capital aberto, isto é, vendendo ações para o público pela primeira vez” (BODIE; KANE; MARCUS, 2000, p. 76). As novas emissões de qualidade são novas ações emitidas por uma empresa que já possui capital aberto. Essas captações no mercado de capitais possuem natureza de longo prazo. Ou seja, do ponto de vista da empresa, espera-se que os recursos captados contribuam para aumentar o lucro futuro da companhia para poder assim remunerar o investidor de forma proporcional ao risco da operação.

Tendo em vista que o título já foi emitido, os investidores podem negociá-los entre si no chamado mercado secundário. Essa negociação pode ocorrer no mercado de balcão (onde as partes negociam entre si) ou em bolsas de valores, onde “as negociações obedecem a regulamentos, horários de negociação, tipos de contratos e exigência de garantias” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 307). Existem bolsa de valores espalhadas pelo mundo inteiro, no Brasil a única bolsa registrada é a B3.

Afinal, o que é uma ação? Assaf Neto (2012) define ação como a menor fração do capital social de uma companhia. Ações para Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 302) “são títulos de propriedade que garantem ao seu titular a propriedade da empresa na proporção de seus papéis e direitos sobre o fluxo de caixa livre da empresa”. São títulos nominativos e negociáveis. Deter ações de uma empresa significa ser sócio da mesma. As ações podem ser do tipo ordinárias ou preferenciais. Ações ordinárias são conhecidas também como títulos de capital social. Conferem ao proprietário “o direito de voto em assembleias gerais de acionistas e participação nos lucros da sociedade mediante o recebimento de dividendos” (ASSAF NETO, 2012, p. 75). Já as ações preferenciais não dão ao seu proprietário direito de voto com relação à administração da empresa, contudo “oferecem preferência na distribuição de resultados ou no reembolso do capital em caso de dissolução da companhia” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 309).

O valor de uma ação oscila muito ao longo do tempo, decorrente de uma série de fatores internos e externos à companhia, como destacam Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 309):

O valor de uma ação dependerá das expectativas do mercado quanto ao desempenho futuro da empresa que a emitiu, o que reflete tanto seu desempenho passado, como as informações obtidas pelo mercado, quanto as suas possibilidades a médio e longo prazo. Essas possibilidades dependem de fatores como a gestão dos recursos da empresa e pontos fortes e fracos desenvolvidos. A conjuntura econômica doméstica e internacional também influenciam as cotações de preço de uma ação, uma vez que altera o chamado risco sistemático, ou seja, risco resultante de fatores que afetam todas as empresas do mercado por influenciarem todo o sistema econômico, o que podem constituir tanto oportunidades como ameaças para a companhia.

As ações também estão sujeitas à lei da oferta e demanda. Quando houver mais compradores que vendedores, seu preço sobe e vice-versa.

## **2.1 Análise de investimento em ações**

Dito tudo isso, como escolher uma companhia para se investir? Parte-se do pressuposto que todo investidor escolhe o melhor investimento possível dentre uma cesta de opções. Ou seja, ele deseja investir na companhia que lhe dará uma maior taxa de retorno com o menor risco possível. No entanto, fazer essa escolha requer técnica e muito conhecimento. Os ganhos dos acionistas provêm da valorização da ação no mercado e da distribuição de lucros (dividendos, juros sobre

capital próprio ou bonificações) além de direitos de subscrição de novas ações. Sendo assim, é importante não só escolher boas ações, mas analisar o melhor momento de comprar e/ou vender essas ações. No curto prazo é muito comum oscilações no preço das ações, até mesmo em companhias sólidas. Como destacam Brealey e Myers (1998, p. 57) “as oscilações dos preços dos títulos são essencialmente imprevisíveis”. No longo prazo, no entanto, o preço de uma ação tende a acompanhar o lucro da companhia.

A análise de investimento em ações busca cumprir os objetivos de escolher a melhor companhia no melhor momento possível, com base em “expectativas do mercado quanto à empresa, ao seu setor, ao país e ao mercado internacional” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 327).

A análise de investimentos em ações pode ser executada a partir de dois enfoques diferentes: análise fundamentalista e análise técnica. A análise fundamentalista está mais voltada ao valor intrínseco de uma companhia face ao seu preço de mercado. Conforme destacam Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010, p. 328),

[...] a avaliação do patrimônio da empresa, seu desempenho e sua posição no respectivo setor de atuação, a intensidade da concorrência e a existência de produtos ou serviços alternativos, a política de distribuição de lucros e o cálculo do valor presente dos lucros futuros estimados são fatores determinantes na definição do valor da ação.

Em contraste, a análise técnica se equivale no estudo das variações de preços e volumes ocorridos em determinado título mobiliário. “Seu objetivo é prever o comportamento futuro dos preços através de gráficos, que refletem a tendência do mercado em relação ao título em observação, demonstrando um movimento ascendente ou descendente de seu preço” (LEMES JÚNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010, p. 327). Embora diferentes, os dois modelos de análise não são excludentes e podem ser usados de forma complementar: enquanto a análise fundamentalista é útil para selecionar o melhor ativo, a análise técnica contribui para definir o melhor momento para investir no ativo selecionado.

Rudink et al. (2013) realizaram um estudo visando avaliar na prática o êxito dos modelos de análise de investimento em ações, no intervalo de tempo compreendido entre o início do ano 2000 até o final do ano 2012. Para tanto, os autores selecionaram uma carteira unicamente através da análise fundamentalista, outra carteira selecionada através da análise técnica e uma terceira carteira que contempla os dois modelos de análises, que os autores chamaram de carteira conjunta. As carteiras eram balanceadas ao final de cada ano seguindo os critérios utilizados em cada tipo de análise. O resultado apontou que a carteira fundamentalista teve o melhor desempenho, com um rendimento acumulado de 1065,47%. A carteira conjunta aparece em seguida com 386,76% de rendimento. Por último, a carteira técnica apresentou um rendimento de 205,32%. Importante

ressaltar que as três carteiras superaram o rendimento médio do mercado, representado pelo índice Ibovespa, que no período foi de 201,93%.

## 2.2 Estratégias de investimento em ações

São 3 as estratégias de investimento em ações mais conhecidas no mercado: *day trade*, *swing trade* e *buy and hold*, cabendo a cada investidor escolher a opção que julgue mais rentável e adequada ao seu perfil.

O *day trade* é uma estratégia de especulação na bolsa e ocorre quando o investidor compra e vende o ativo no mesmo dia. É um método utilizado por investidores que se arriscam em busca de ganhos no curto prazo. Os adeptos dessa estratégia empregam a análise técnica para identificar as melhores oportunidades de investimento do momento, não se importando com os fundamentos do ativo em questão. É uma técnica mais trabalhosa, exigindo dedicação integral e muito aperfeiçoamento. (GENIAL INVESTIMENTOS, 2021; HALLACK, 2020).

O *swing trade* também é uma estratégia especulativa de curto e médio prazo, diferenciando do *day trade* pelo fato de a compra e a venda serem realizadas em dias diferentes. Assim como no *day trade*, a análise técnica é muito utilizada nesse tipo de estratégia. (HALLACK, 2020).

O *buy and hold* na tradução livre significa comprar e manter ou segurar. Difere das estratégias anteriores por ser voltada para o longo prazo. O investidor compra um ativo e permanece com ele por anos ou até décadas. Aqui a análise predominante é a fundamentalista: os investidores estão mais interessados na qualidade do ativo e no recebimento de proventos (podendo gerar uma renda passiva) do que nas flutuações do dia a dia da cotação. (GENIAL INVESTIMENTOS, 2021; HALLACK, 2020).

Silva e Vital (2020) conduziram um trabalho objetivando verificar qual estratégia de investimento em ações proporciona maior retorno ao investidor. Para tanto, foi utilizado um período de 5 anos, iniciando no primeiro dia de negociação de janeiro de 2015 com encerramento no último dia de negociação de dezembro de 2019. Os autores analisaram ações das empresas Vale, Petrobras e Itaú Unibanco com simulações de aportes mensais, durante 5 anos, com a técnica *buy and hold*, *swing trade* e uma técnica de curtíssimo prazo. Ao final do estudo, concluiu-se que a técnica *buy and hold*, além de ser de mais fácil entendimento e aplicação, mostrou-se a mais rentável.

Santos (2019) analisou o comportamento dos investidores no mercado de ações brasileiro, no que diz respeito às suas movimentações de compra e venda, tentando identificar se há algum viés ou padrão. Alisando o fluxo de investimento líquido de investimento na bolsa, concluiu que o grupo de investidores pessoa física demonstra no curto prazo sinais de comportamento semelhante ao que se chama de Efeito Disposição: tendem a se desfazer rapidamente de posições vencedoras (ou seja,



posições que apresentaram valorização rápida) enquanto costumam manter suas posições perdedoras (as que apresentaram oscilações negativas nas cotações).

### **2.3 A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro**

Ao final de 2020 a B3 divulgou um relatório intitulado “A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro”. No relatório buscou-se mapear quem são e como se comportam os cerca de 2 milhões de investidores pessoas físicas que aplicaram recursos na bolsa de valores entre os meses de abril de 2019 a abril de 2020. O estudo foi feito com 1.371 homens e mulheres com idades compreendidas entre 18 e 65 anos, pertencentes às classes A, B e C e residentes em todo território nacional. Para efeitos de perfil dos investidores, destacamos as seguintes informações:

- 74% são homens;
- 62% trabalham em tempo integral;
- 56% têm renda média de até R\$ 5.000,00 por mês;
- 60% não tem filhos;
- 51% vivem no Sudeste, com idade média de 32 anos.

Do ponto de vista do comportamento dos novos investidores na bolsa, o relatório sinaliza o importante amadurecimento desses investidores: “(...) não apenas pelo aumento do número dos que vieram para a bolsa, mas pela busca por mais informações e aprendizado, maior sofisticação, maior diversificação, maior apetite a risco, maior acesso à informação e estratégias de longo prazo”. (Bolsa, Brasil, Balcão, 2020, p. 10).

O relatório contribui para desmistificar a noção de que para se investir na bolsa é preciso ter muito dinheiro. Em outubro de 2020 o valor médio do primeiro investimento das pessoas físicas foi de R\$ 660 ante os R\$ 1.916 registrados em outubro de 2018, uma queda de 58%. No público mais jovem, com investidores com idade compreendida entre 16 a 25 anos, esse valor é menor ainda: R\$ 225.

A principal razão elencada pelos entrevistados que os levaram a investir em renda variável foi o aprendizado e a possibilidade de aplicar em outras modalidades de investimento, seguida da busca por produtos de investimento que ofereçam maior rentabilidade.

Em relação à pergunta “Onde você aprendeu a investir?”, em que era possível fornecer respostas múltiplas, os canais digitais tiveram forte influência. O item “Canais do Youtube/influenciadores” lidera com folga, sendo mencionado por 73% dos entrevistados, seguido de “Em plataformas online” com 45% de menções. Na pergunta “Onde você costuma se informar sobre investimentos?” o meio “Internet” é citado por 73% dos entrevistados, seguido por

“Youtube/influenciadores”, com 60%. Os autores do relatório destacam que “a transformação digital trazida pelo avanço da tecnologia e o maior acesso à informação foram cruciais para que o mercado de investimentos se desenvolvesse muito nos últimos ano no Brasil”. (Bolsa, Brasil, Balcão, 2020, p. 14).

Embora o relatório tivesse como tema o mercado de renda variável como um todo e não especificamente o mercado de ações, como é o caso da proposta do nosso trabalho, alguns dados servirão de parâmetro para comparação com os dados obtidos na presente pesquisa onde tivemos também a oportunidade de avançarmos em outras temáticas que não foram contempladas no relatório.

### **3. METODOLOGIA**

Quando se trata de produção de conhecimento científico, há uma diversidade de métodos aceitos e aplicáveis, cabendo ao pesquisador a seleção do melhor método para o seu objetivo. O método ou o caminho para se chegar a um dado objetivo ou ainda a maneira para se coletar dados, é o que distingue e caracteriza o conhecimento científico. Nas palavras de GIL (1999, p. 26), é o “conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento”.

Dados os objetivos dessa pesquisa, entendemos ser o paradigma positivista o que fornece a melhor contribuição. Collis e Hussey (2005) sustentam que esse modelo enfatiza objetivamente os fatos ou as causas de problemas sociais, sem se ater a estados subjetivos. Nas palavras dos autores, “o raciocínio lógico é aplicado à pesquisa de modo que precisão, objetividade e rigor substituam palpites, experiência e intuição como a maneira de investigar problemas de pesquisa” (COLLIS; HUSSEY, 2005, p. 58). Os autores argumentam ainda que esse modelo oferece as vantagens de tender a produzir dados quantitativos, possibilitar o uso de grandes amostras e fornecer dados com grande especificidade, confiabilidade e precisão (COLLIS; HUSSEY, 2005).

A pesquisa tem finalidade aplicada, já que objetiva auxiliar no entendimento das questões elencadas pelo pesquisador. Será descritiva do tipo Survey, ou seja, “procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise quantitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados” (GIL, 1999, p. 70).

A população-alvo são indivíduos que investem em ações no Brasil. A amostragem é não probabilística, visto que não foram feitas estimativas amostrais, utilizando-se uma técnica de amostragem por conveniência. O levantamento de dados foi realizado através de questionário estruturado contendo 24 questões, sendo a maioria composta por questões nos moldes da escala

proposta por Likert<sup>3</sup>. Os questionários foram distribuídos e recolhidos pela internet, os respondentes foram selecionados de forma aleatória. O tratamento estatístico dos dados se deu com o auxílio do software Microsoft Excel, através do qual fizemos a análise quantitativa dos dados e a confecção dos gráficos.

Devido à adoção da técnica de amostragem não probabilística, por conveniência, ressalta-se a cautela que se deve ter ao interpretar os resultados, já que a amostra resultante não é representativa da população-alvo. O processo de amostragem não está isento de alguma tendenciosidade de seleção. Dessa forma, os resultados obtidos servirão apenas como parâmetros, não sendo aconselhável generalizá-los para a população como um todo.

## **4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

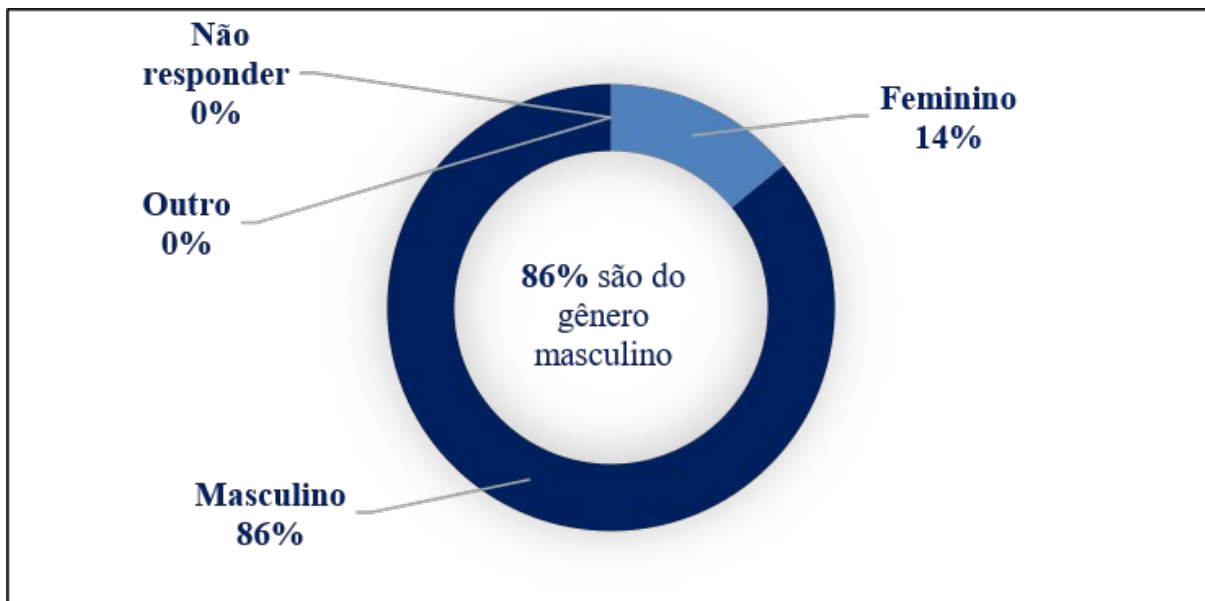
### **4.1 Perfil Socioeconômico**

Para que uma resposta fosse considerada válida nesse trabalho era necessário que o participante respondesse sim na pergunta filtro (Investe no mercado de ações?). A pesquisa alcançou o número de 65 respondentes, porém 16 deles foram descartados por responder “Não” na pergunta filtro. Portanto, todas os dados trazidos aqui são de indivíduos que efetivamente possuem recursos aplicados em ações. Começamos com o perfil dos respondentes, cujos gráficos e ilustrações são comentados na sequência.

---

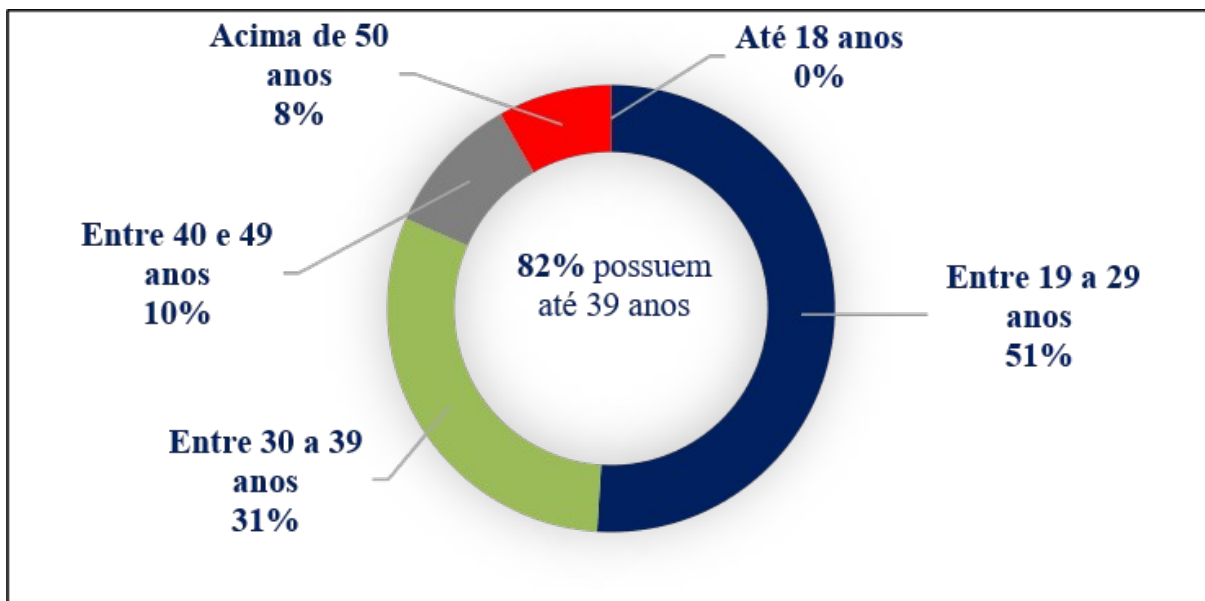
3 A Escala Likert foi criada por Rensis Likert, em 1932. Nela os entrevistados são convidados a indicar um grau de concordância ou discordância em relação a cada uma de uma série de afirmações sobre objetos de estímulo. É um modelo muito utilizado no mundo inteiro graças a “[...] sua facilidade de entendimento e aplicação, bem como à sua capacidade de adaptação a diferentes necessidades nos mais diversos projetos de pesquisa” (FEIJÓ; VICENTE; PETRI, 2020, p. 31).

Gráfico 1: Distribuição por gênero



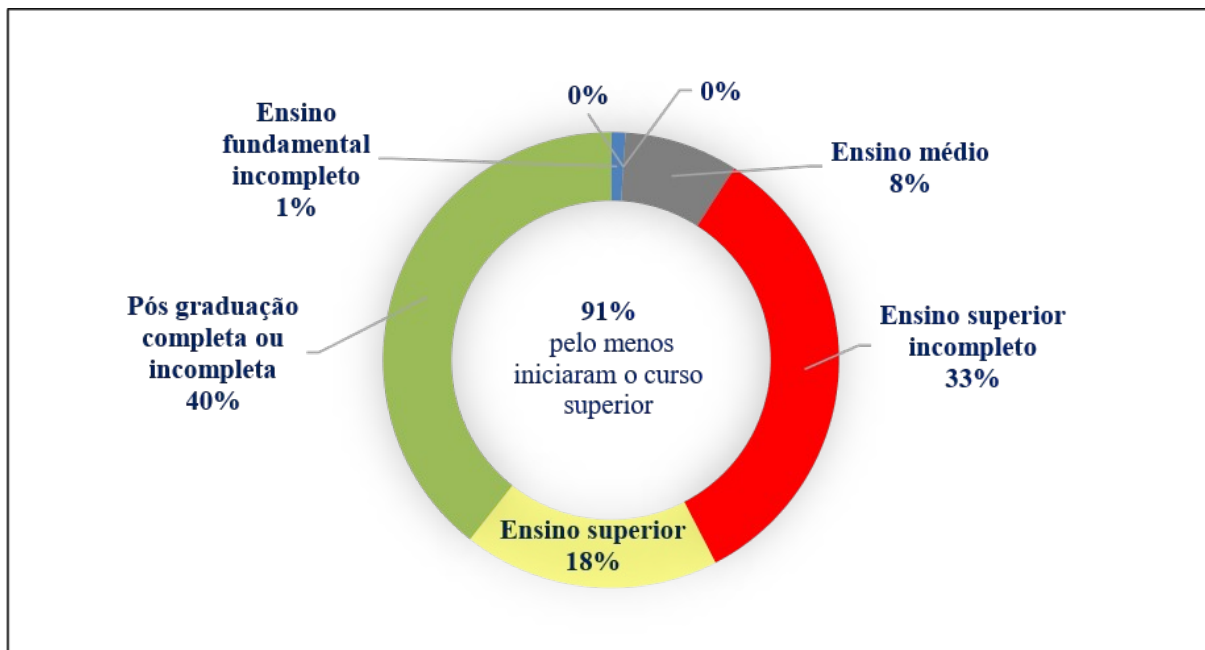
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 2: Distribuição por faixa etária



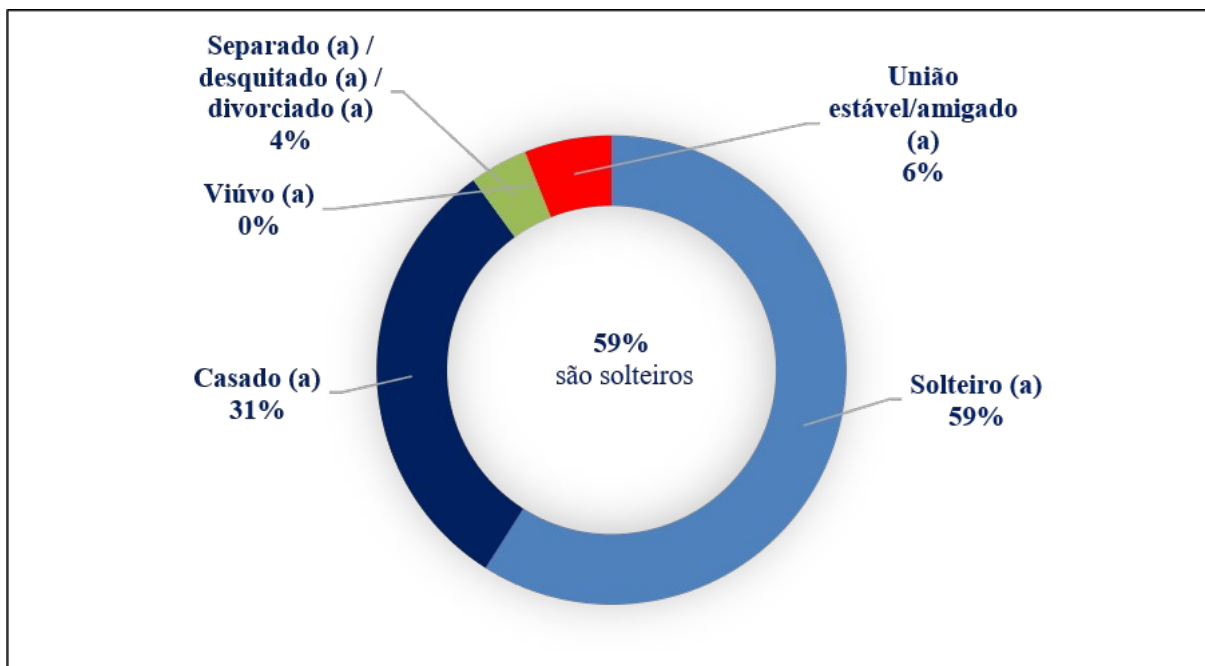
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 3: Distribuição por escolaridade



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021)

Gráfico 4: Distribuição por Estado Civil

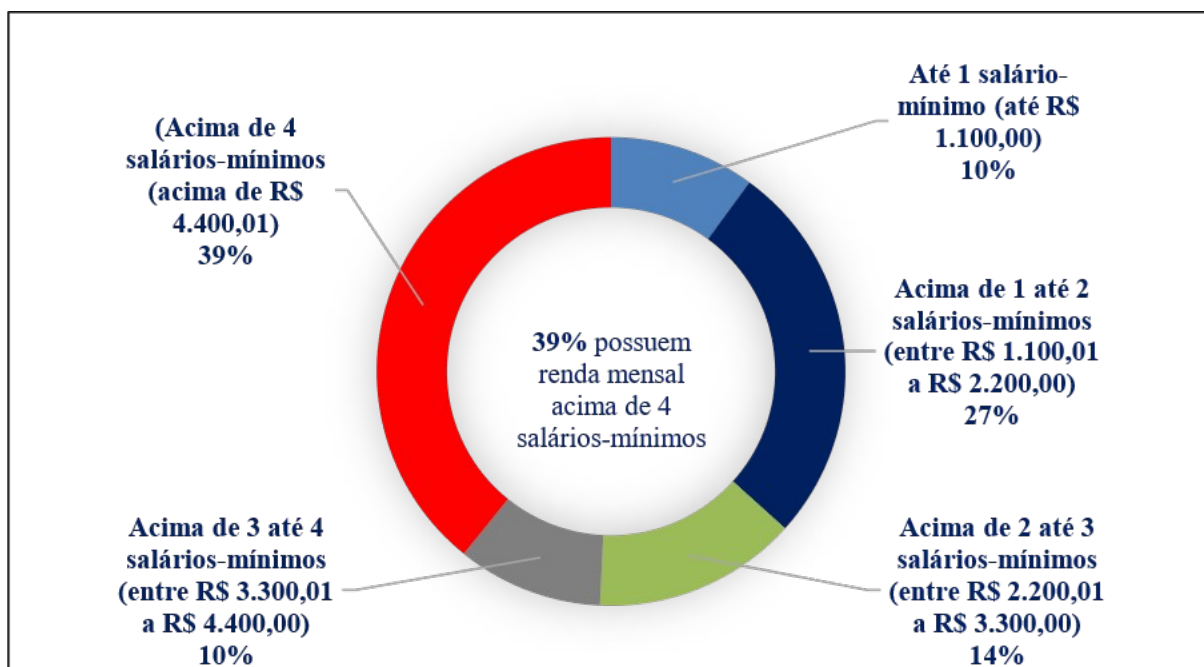


Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

No que diz respeito ao perfil socioeconômico desses investidores, nota-se conforme Gráfico 1 que a grande maioria é do gênero masculino (86%), enquanto apenas 14% são do gênero feminino. O gráfico 2 nos informa sobre a faixa etária, onde vemos que 51% dos entrevistados são jovens, com idade compreendida entre 19 a 29 anos e 82% possuem até 39 anos. 59% são solteiros e 30% casados, conforme dados disponíveis no Gráfico 4. Quanto à escolaridade (Gráfico 3),

podemos observar o predomínio de investidores com ensino superior, completo ou incompleto (91%). 40% relataram possuir pós-graduação completa ou incompleta; 18% possuem ensino superior completo enquanto 33% possuem ensino superior incompleto. Chama-nos a atenção o grande percentual de investidores que ao menos iniciaram o curso superior. Isso se deve ao fato de, por estarem em estágio mais avançado de estudo teoricamente possuem maior informação sobre educação financeira, ou se explica por que ao possuírem mais estudo apresentam maior possibilidade de conseguir empregos com melhor remuneração, dando mais condição de poupança e investir? Acreditamos mais na primeira hipótese, já que com cerca de R\$ 10,00 você já consegue ser sócio de empresas com bons fundamentos. Acreditamos que é mais uma questão de informação do que de remuneração.

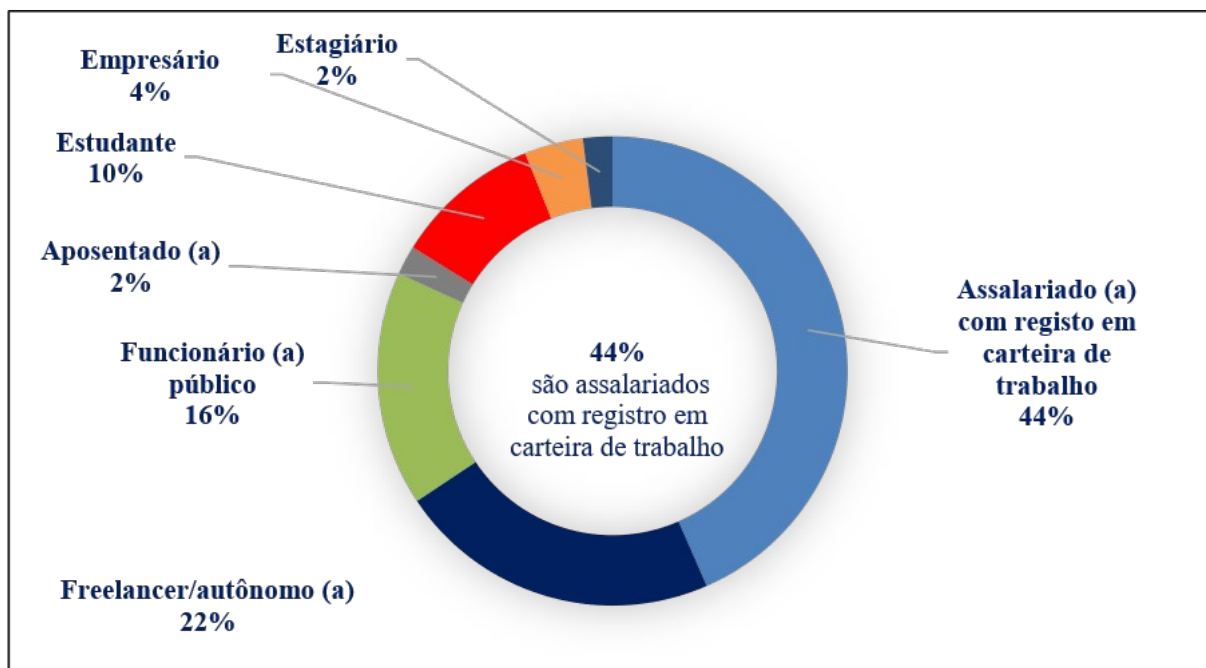
Gráfico 5: Distribuição por renda média mensal



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

No quesito renda média mensal (Gráfico 5), a maioria dos entrevistados relataram possuir renda acima de 4 salários-mínimos, que em 2021 representa ganhos acima de R\$ 4.400,01 mensais. No entanto, uma parcela dos respondentes (10%) relatou possuir renda de até 1 salário-mínimo, ou seja, renda menor que R\$ 1.100,00; e 37% possuem renda média inferior a 2 salários-mínimos (até R\$ 2.200,00). Esse dado reforça mais uma vez a noção de que investir está ao alcance de todos.

Gráfico 6: Distribuição por ocupação



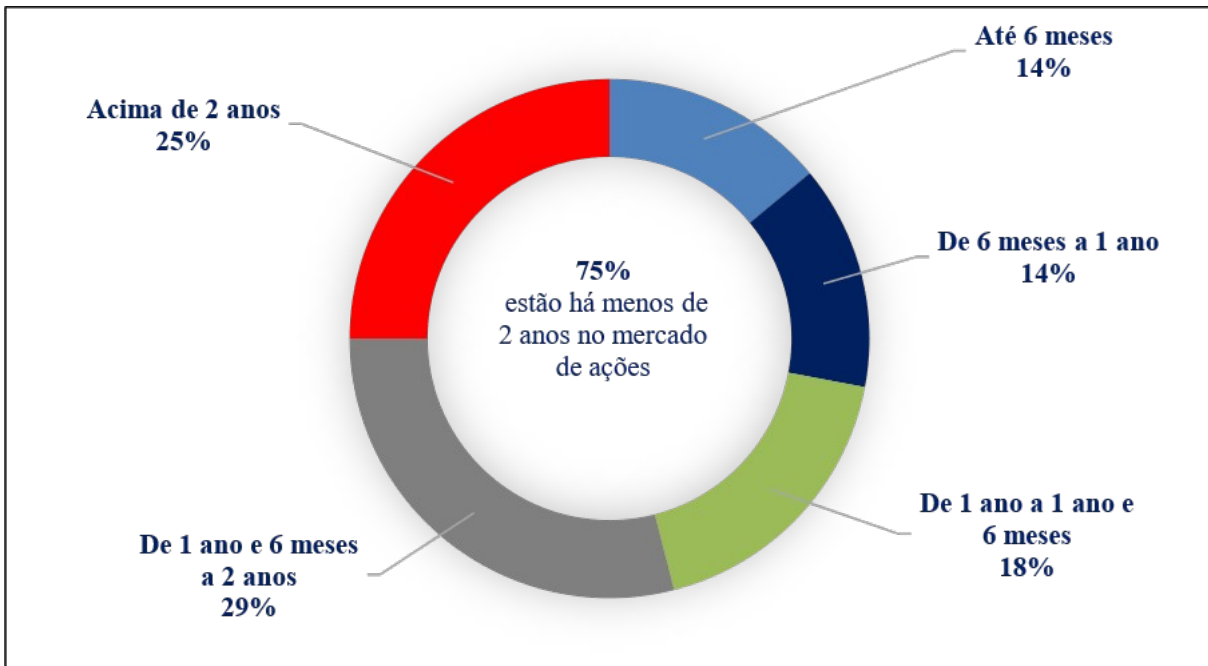
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Quanto à ocupação (Gráfico 6), sobressaem os indivíduos assalariados com registro em carteira de trabalho (44%), seguido das opções freelancer/autônomo com 22% e funcionário público com 16%.

O já mencionado relatório “A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro” produzido pela B3 (2020), possui dados que, embora em alguns casos não seja possível simplesmente comparar com os números dessa pesquisa, porque possuem descritores diferentes, servem de parâmetros ou indícios para o contraponto. E reforço a ressalva de que os dados do relatório são de investidores do mercado financeiro como um todo, enquanto nossa pesquisa é focada no mercado de capitais. Dito isso, analisando os dados do relatório com os da pesquisa, podemos dizer que não são idênticos, mas são semelhantes em sua maioria. O relatório nos informa que 74% dos investidores são do gênero masculino; 68% possuem até 34 anos de idade, sendo que 32 anos é a idade média; 56% têm renda média familiar de até R\$ 5.000 por mês. O relatório não especifica a ocupação dos investidores, apenas informa que 62% trabalham em tempo integral. A pesquisa se opõe ao relatório no que diz respeito ao estado civil: enquanto aqui a maioria é solteira (59%) no relatório a maioria é casada (51%).

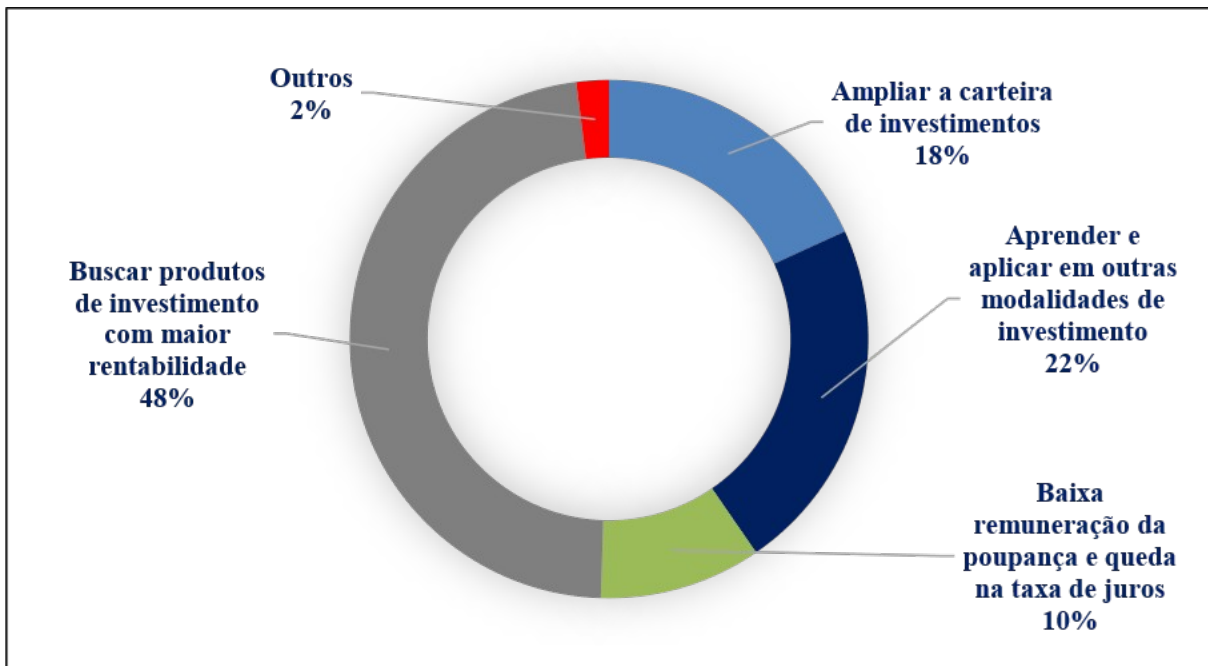
#### 4.2 Sobre o investimento no mercado de ações

Gráfico 7: Distribuição por experiência no mercado de ações



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

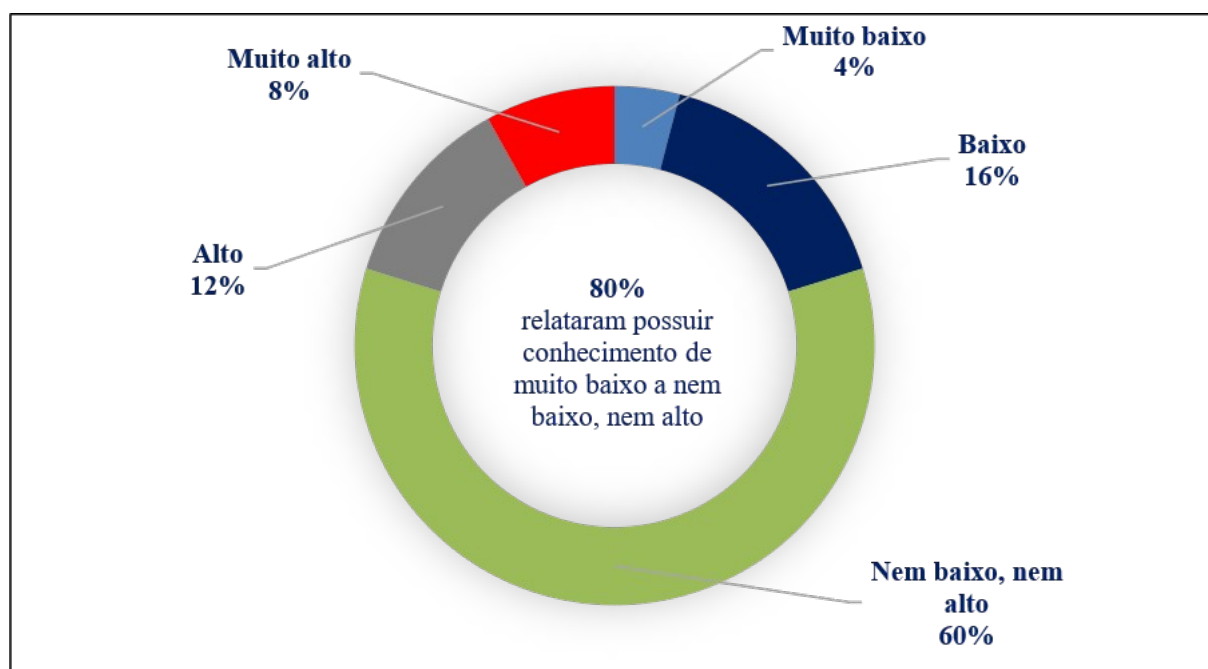
Gráfico 8: Distribuição por motivação para investir em ações



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

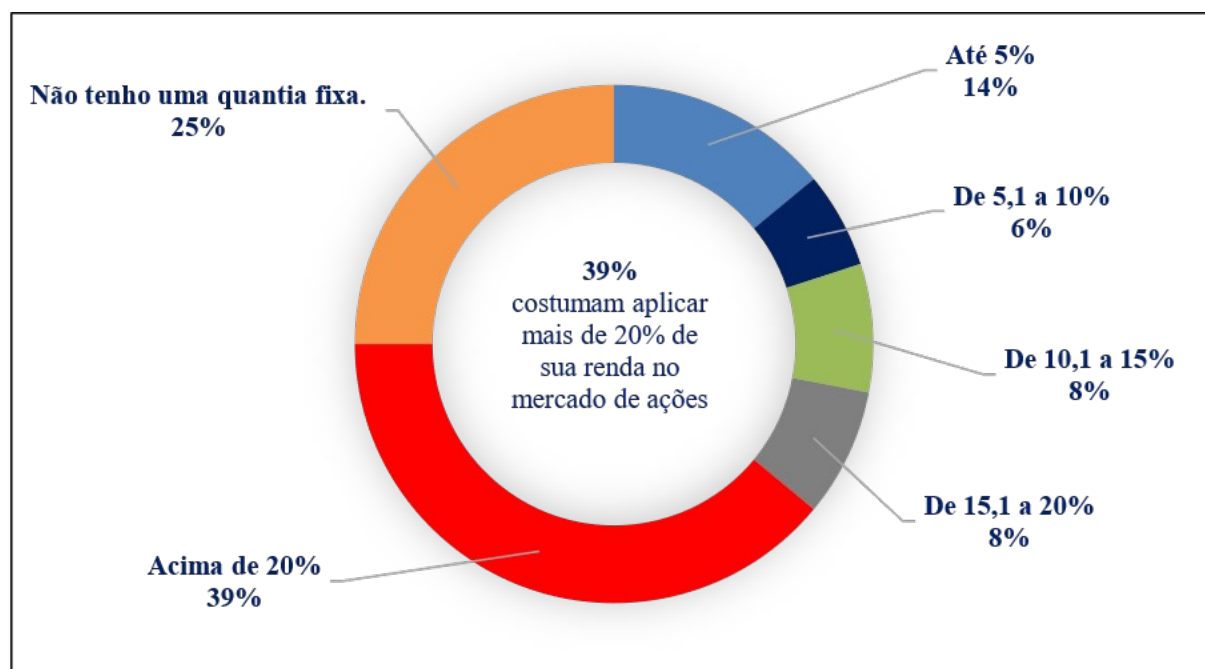


Gráfico 9: Distribuição por nível de conhecimento no mercado de ações



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 10: Distribuição por porcentagem da renda alocada em ações



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

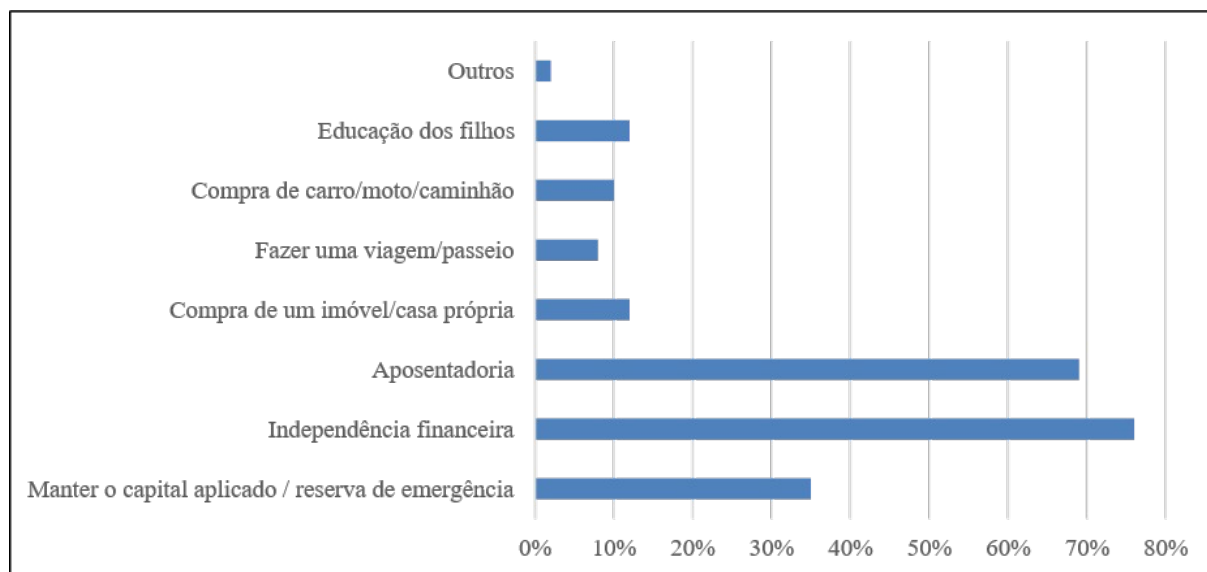
O Gráfico 7 nos revela que 75% dos investidores estão nesse mercado de capitais há menos de 2 anos. Portanto, estão corroborando essa estatística trazida no texto que sinaliza um grande aumento do número de investidores na bolsa nos últimos anos. Em relação à motivação para buscar

esse tipo de investimento, o Gráfico 8 nos informa que se destaca a procura de opções com maior rentabilidade. A queda na taxa Selic experimentada no Brasil a partir de 2016, culminando em 2020 com uma taxa de juros de 2% ao ano, o menor patamar da história, ajudou bastante nesse processo de diversificação de investimentos. E buscar essa maior rentabilidade no mercado de ações é coerente com que vimos no estudo de Linn (2018) que demonstrou que entre 2013 e 2017 o investimento em ações possibilitou ganho líquido real muito superior a poupança e a renda fixa.

Maior rentabilidade geralmente implica também em maiores riscos. Será que esses novos investidores estão cientes dos riscos inerentes a esse mercado? Será que estão cientes do que estão fazendo? Questionados sobre o nível de conhecimento em relação ao mercado de ações (Gráfico 9), 80% relataram possuir conhecimento de baixo a mediano (nem baixo nem alto).

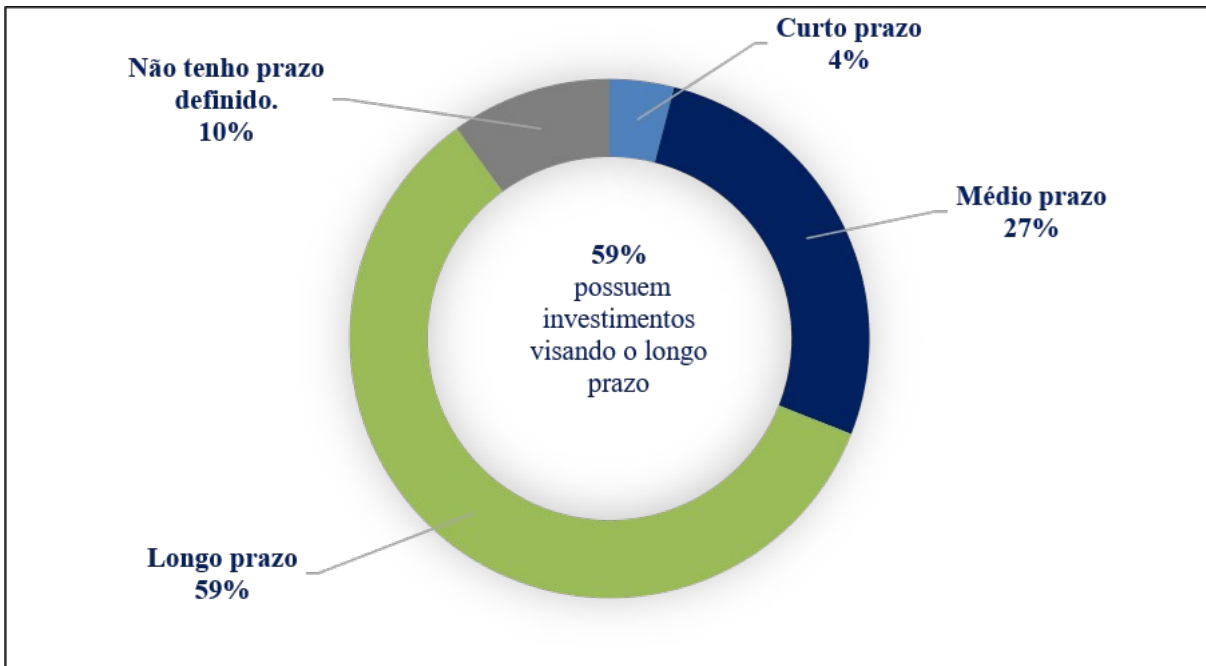
Ainda a esse respeito, os investidores foram questionados sobre a porcentagem de sua renda que costumam aplicar em ações. O resultado trazido pelo Gráfico 10 mostra que a maioria (39%) aplica 20% ou mais de sua renda em ações, enquanto outros 25% disseram não possuir quantia fixa. Ou seja, em se tratando de uma modalidade de investimento que você não tem tanto conhecimento, conforme dados do Gráfico 9, é seguro você investir 20% de sua renda ou mais?

Gráfico 11: Distribuição por objetivos para investir em ações



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 12: Distribuição por horizonte de tempo para resgate dos investimentos

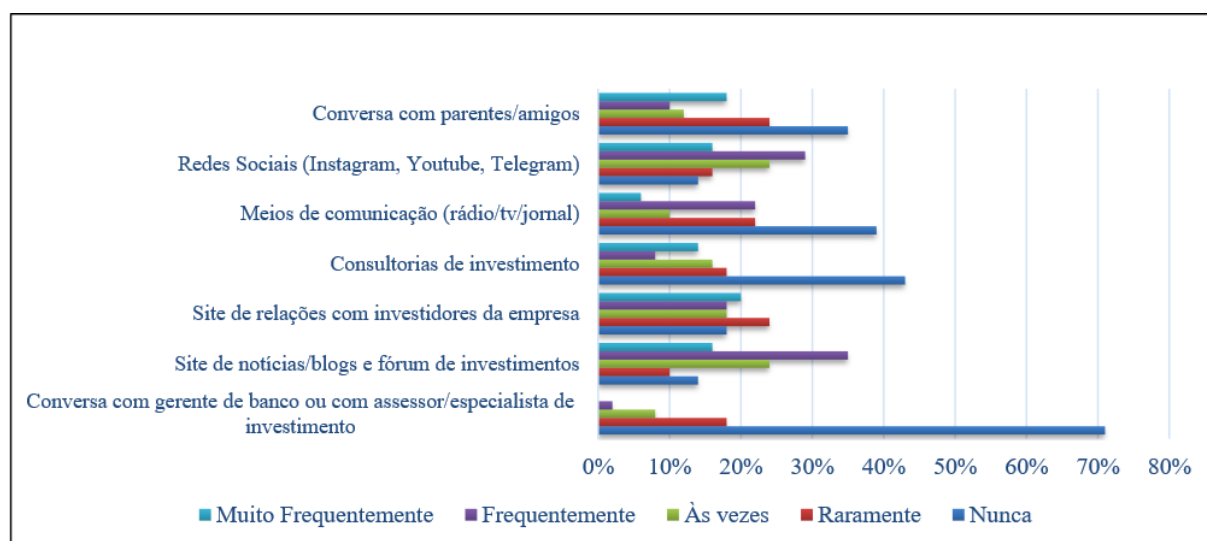


Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

O grande objetivo apontado pelos investidores ao investir no mercado de ações, conforme dados do Gráfico 11, é a “independência financeira”, com 77% de citações, seguido de perto por “aposentadoria”, com 69% de citações. Quanto ao horizonte de tempo em que planejam manter o capital aplicado em ações, o Gráfico 12 nos informa que a maioria dos respondentes (59%) disseram “longo prazo”, ou seja, acima de 5 anos. Essa resposta está condizente com a questão do objetivo na bolsa, demonstrando certa coerência por parte dos investidores.

### 4.3 Hábitos de investimentos

Gráfico 13: Fontes de informações usadas no processo de decisão de compra de uma ação

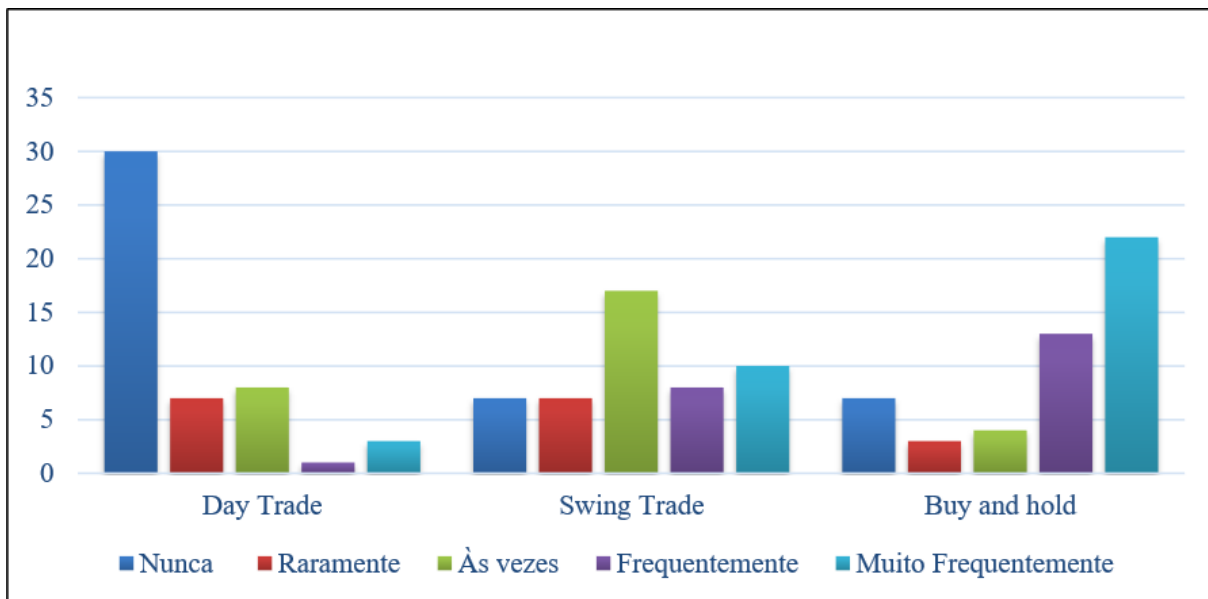


Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Os investidores foram indagados a responder sobre a frequência com que utilizam, ou não, algumas fontes de informações para auxiliar no processo de decisão de compra de uma ação. A análise do Gráfico 13 nos revela que “Conversa com parentes/amigos”, “Meios de comunicação (rádio/tv/jornal)”, “Consultorias de investimento” e “Conversa com gerente de banco ou com assessor/especialista de investimento” apresentam pouco interesse por parte dos investidores quanto ao seu uso como meios consultados para embasar decisões de investimento. Destaque para o item “Conversa com gerente de banco ou com assessor/especialista de investimento”, onde se vê que 71% nunca utilizaram esse meio para consulta. Por outro lado, “Redes Sociais (Instagram, Youtube, Telegram)”, “Site de relações com investidores da empresa” e “Site de notícias/blogs e fórum de investimentos” foram fontes bem classificadas pelos investidores, ou seja, são fontes que são utilizadas com boa frequência. 51% usam a fonte “Site de notícias/blogs e fórum de investimentos” frequentemente ou muito frequentemente e 45% usam a fonte “Redes Sociais (Instagram, Youtube, Telegram)” nessa mesma proporção.

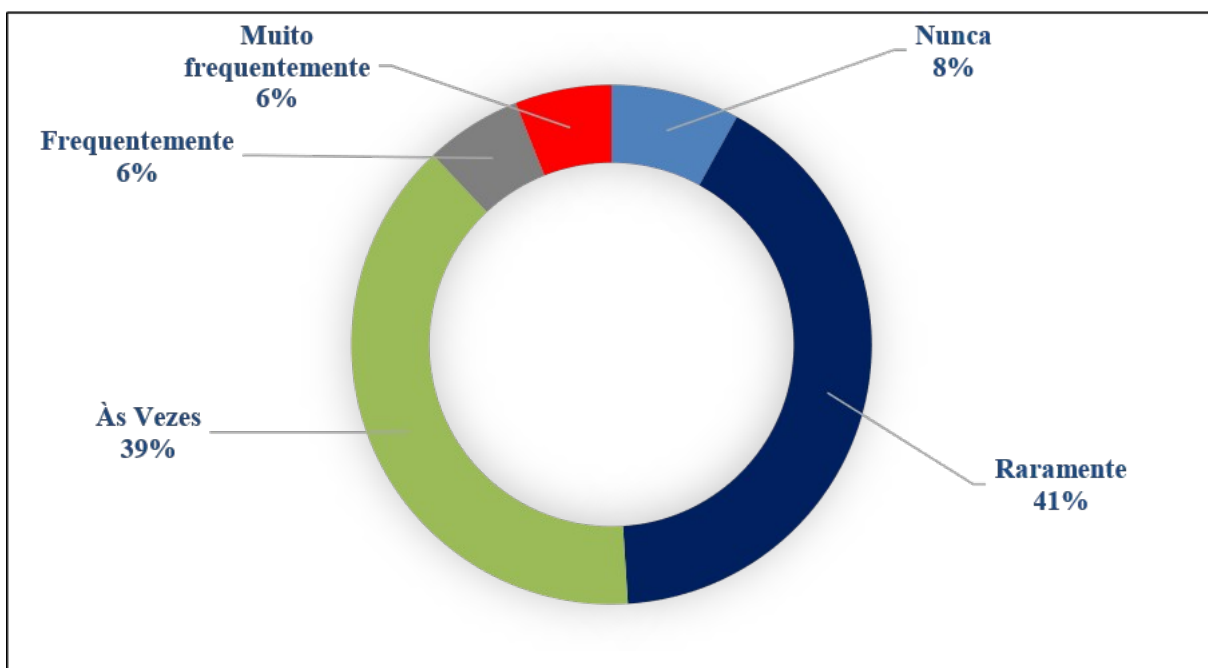
No relatório “A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro” produzido pela B3 (2020), aparecem dados similares. Na pergunta “Onde você costuma de informar sobre investimentos?”, em que eram permitidas respostas múltiplas, o item Internet aparece como o mais usado, com 73% de citações, seguido de Youtube/Influenciadores (60%). Redes sociais aparece na 5ª posição, com 36% de citações.

Gráfico 14: Distribuição por estratégias de investimento



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 15: Distribuição por frequência que realizam trocas na carteira



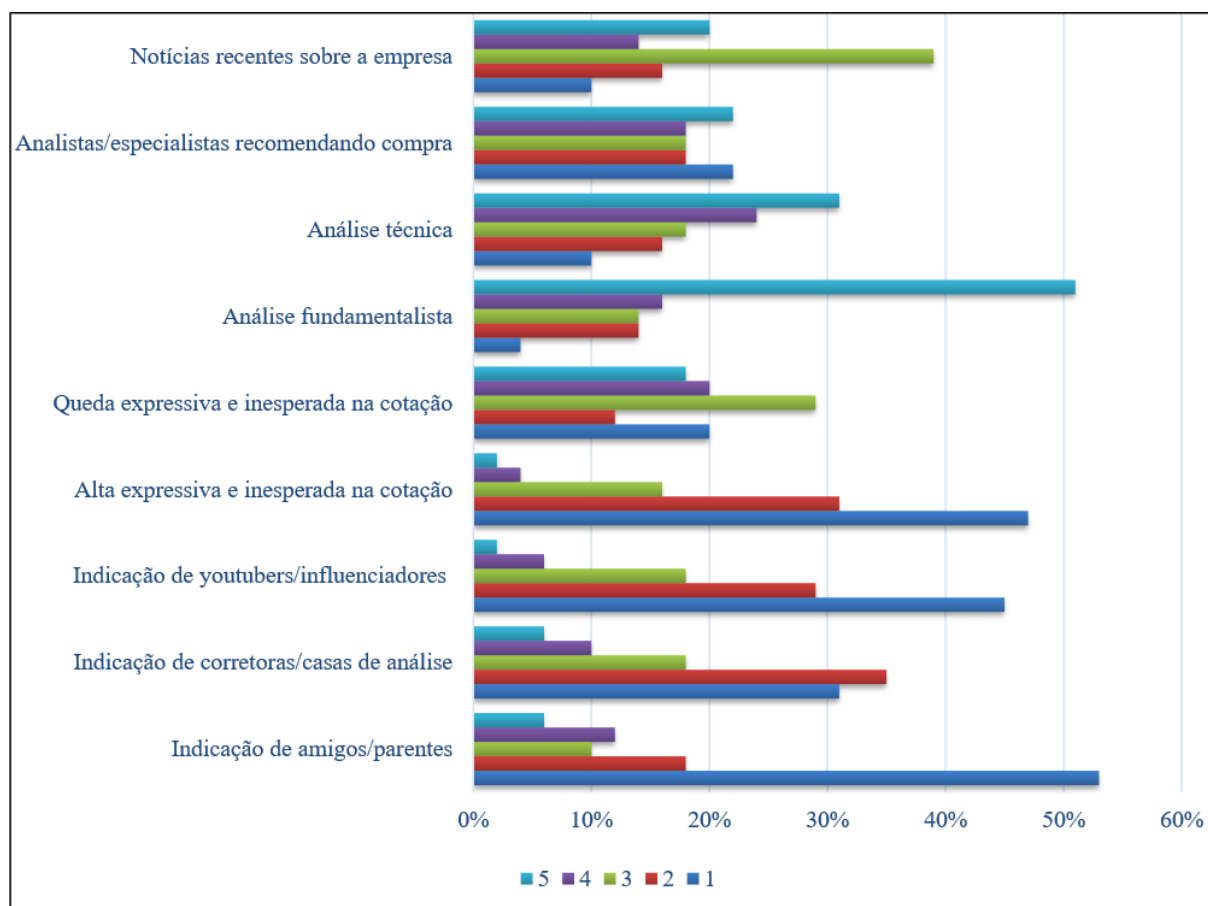
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

A presente pesquisa também ouviu os investidores sobre as estratégias de investimento adotadas. Considerando as 3 estratégias de investimentos em ações mais conhecidas no mercado: *day trade* (compra e venda do ativo no mesmo dia), *swing trade* (compra e venda em dias alternados, mas com foco no curto/médio prazo) e *buy and hold* (técnica de investimento voltada para o longo prazo), foi pedido para que os investidores as julgassem com base na frequência que as

utilizam, ou não, nos seus investimentos. O Gráfico 14 apresenta os dados. Nota-se que a estratégia de *day trade* é a menos utilizada. 61% relatam nunca ter utilizado dessa estratégia. *Buy and hold* se apresentou como a técnica preferida pelos entrevistados: 71% relataram utilizá-la frequentemente ou muito frequentemente. A técnica *swing trade* ficou no meio do caminho: não é tão utilizada como o *buy and hold* mas é bem mais utilizada que o *day trade*. De acordo com Silva e Vital (2020), os investidores estão no caminho certo, já que seu estudo sobre as estratégias de investimento concluiu que a técnica *buy and hold*, além de ser de mais fácil entendimento e aplicação, mostrou-se a mais rentável.

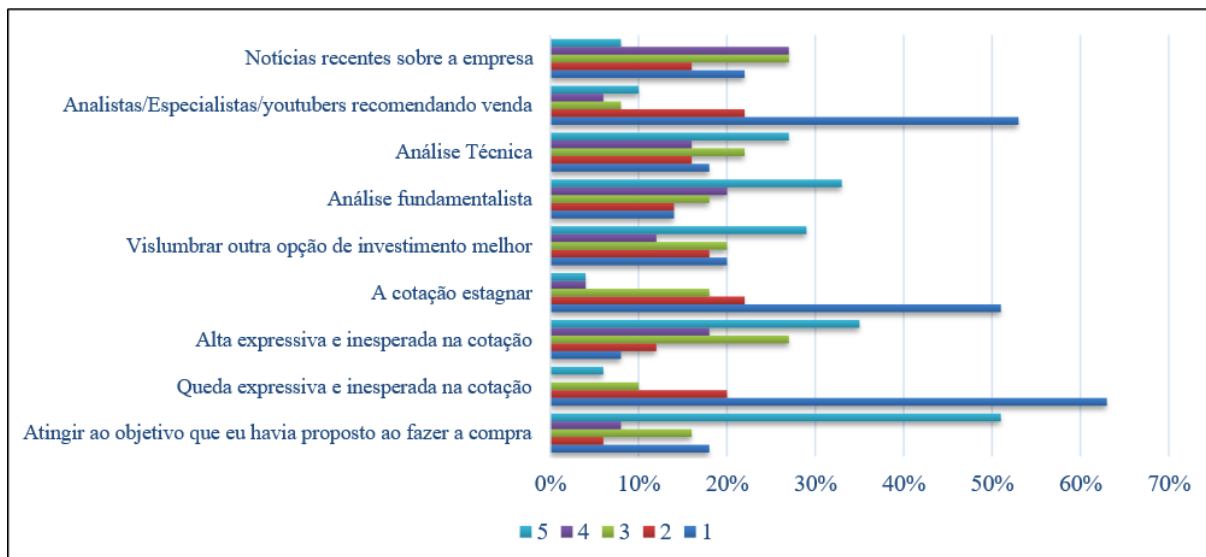
O Gráfico 15 reforça e ratifica os dados do Gráfico 14. Perguntados sobre a frequência com que realizam trocas na carteira de ações, 49% citaram nunca ou raramente. Ou seja, nessa questão eles reforçam a posição do *buy and hold*.

Gráfico 16: O que te influencia a comprar uma ação? (Sendo 1 baixa influência e 5 alta influência)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 17: O que te influencia a vender uma ação (Sendo 1 baixa influência e 5 alta influência)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

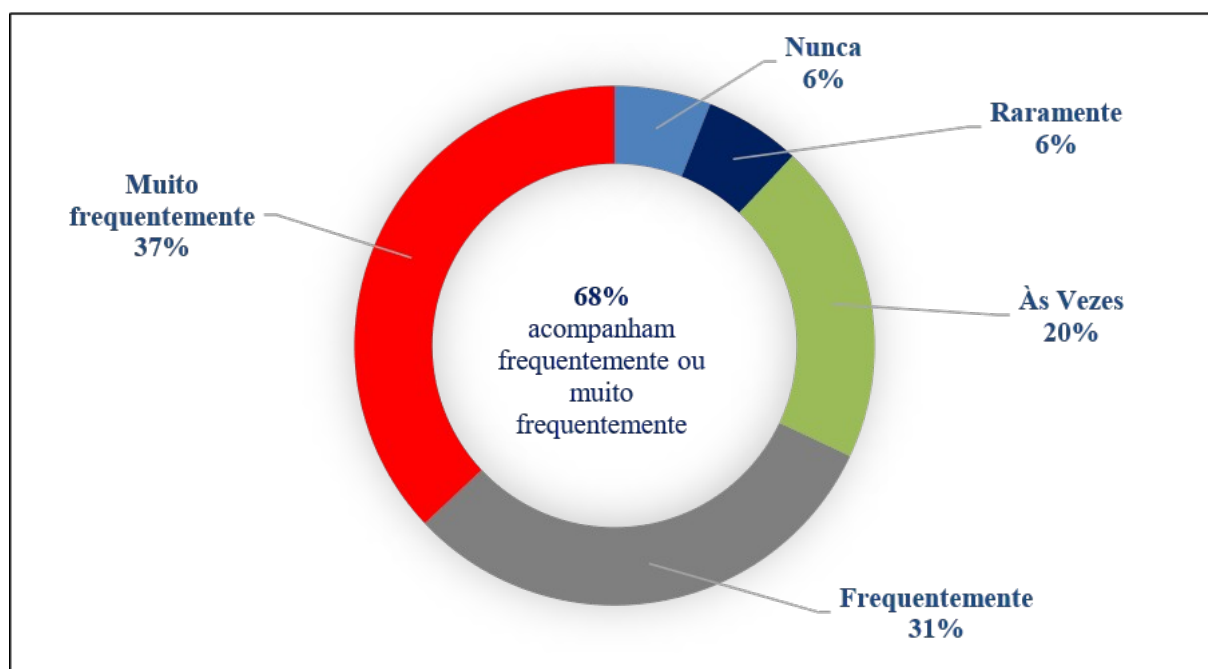
Perguntamos também aos investidores os motivos que os levam a comprar e a vender uma ação. Eles podiam responder de 1 a 5, sendo 1 baixa influência e 5 alta influência. O Gráfico 16 trás os dados sobre a influência para compra de uma ação. Aparecem com boa avaliação os itens “Analistas/especialistas recomendando compra”, “Análise Técnica” e “Análise Fundamentalista”. O item “Análise Fundamentalista” foi o mais bem avaliado já que 51% relataram exercer alta influência. Por outro lado, “Alta expressiva e inesperada da cotação”, “Indicação de youtubers/influenciadores”, “indicação de corretores/casas de análise” e “indicação de amigos/parentes” se apresentaram como itens pouco influenciadores de decisões. Destaque para o item “indicação de amigos/parentes” em que 53% dos respondentes relataram exercer baixa influência.

Falando agora sobre os motivos para venda de uma ação, em que os dados são apresentados no Gráfico 17, vemos também que a análise técnica e a análise fundamentalista são bem avaliados. Aqui a análise fundamentalista é igualmente mais bem avaliada do que a análise técnica. Enquanto a primeira possui 53% de citações de 4 ou 5, a segunda possui 43%. Segundo Rudink et al. (2013) isso é positivo, já que os autores concluíram, em seu estudo visando avaliar na prática a efetividade dos modelos de análise de investimentos, que a carteira cuja análise aplicada foi a fundamentalista se saiu melhor se comparada a carteira de análise técnica, muito embora as duas obtivessem rendimento superior ao índice Ibovespa.

Também podemos extrair dos Gráficos 16 e 17 que os investidores parecem apresentar o comportamento descrito por Santos (2019) como Efeito Disposição: tendem a se desfazer de posições vencedoras (ou seja, posições que apresentaram valorização rápida) enquanto costumam

manter suas posições perdedoras (as que apresentaram oscilações negativas nas cotações). Além disso, podemos dizer também, com base no gráfico 17, que as oscilações das cotações não assustam ou intimidam os investidores. É um comportamento interessante. Quem se propõe a investir em renda variável precisa entender que as oscilações são comuns e inerentes ao mercado. É o que sustentam autores como Lemes Júnior, Rigo e Cherobim (2010) e Brealey e Myers (1998). O foco do investidor de longo prazo, que predomina nessa pesquisa, deve ser nas empresas e nos resultados, ao invés das cotações já que no longo prazo o preço de uma ação tende a acompanhar o lucro da companhia.

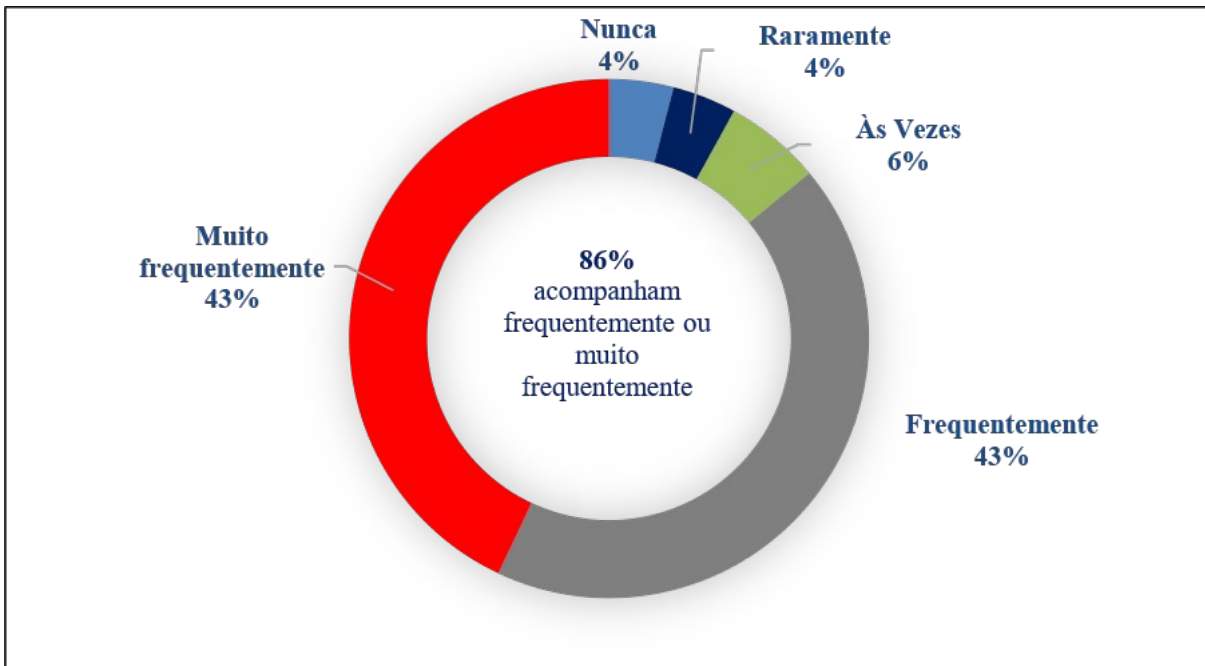
Gráfico 18: Frequência com que acompanham notícias e resultados das empresas nas quais investe



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).



Gráfico 19: Frequência com que acompanha as cotações das ações nas quais investe

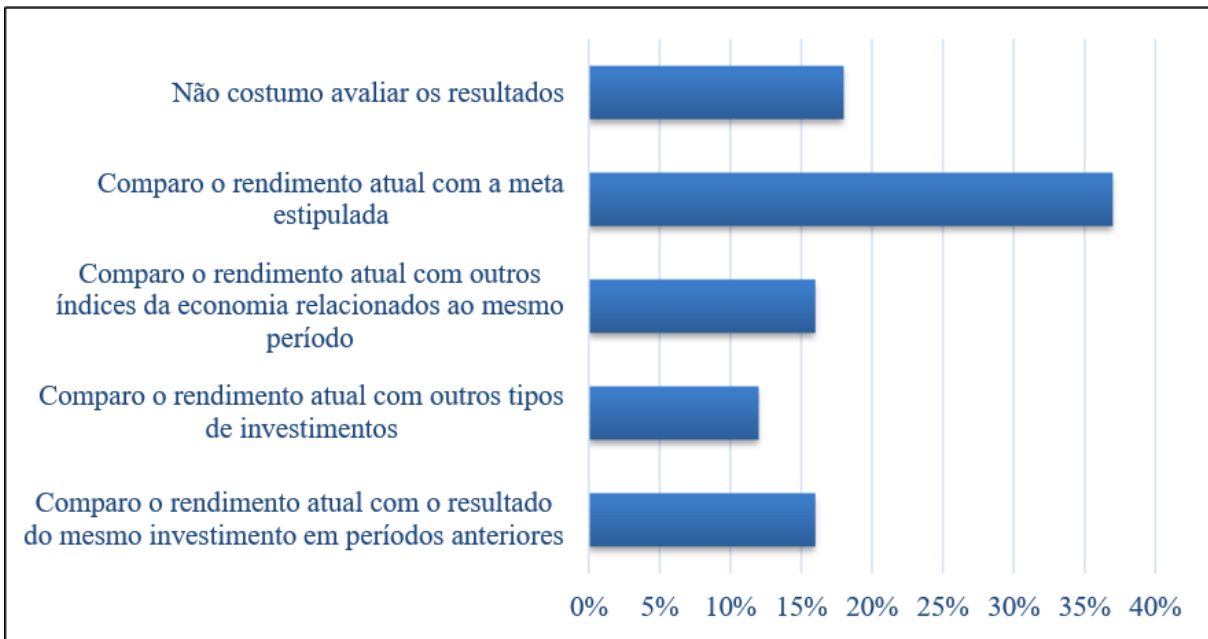


Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

O Gráfico 18 informa um bom comportamento por parte do investidor, já que 68% dos entrevistados relataram acompanhar frequentemente ou muito frequentemente notícias e resultados das empresas nas quais investe. Ora, se você é investidor de longo prazo, se você adota a técnica de *buy and hold* e se é adepto da análise fundamentalista, é fortemente desejado que você esteja por dentro dos acontecimentos que envolvam as empresas da sua carteira. Além de interessados nas notícias e resultados, o Gráfico 19 mostra também que os investidores estão interessados nas cotações: 86% acompanham as cotações das empresas nas quais investem frequentemente ou muito frequentemente.

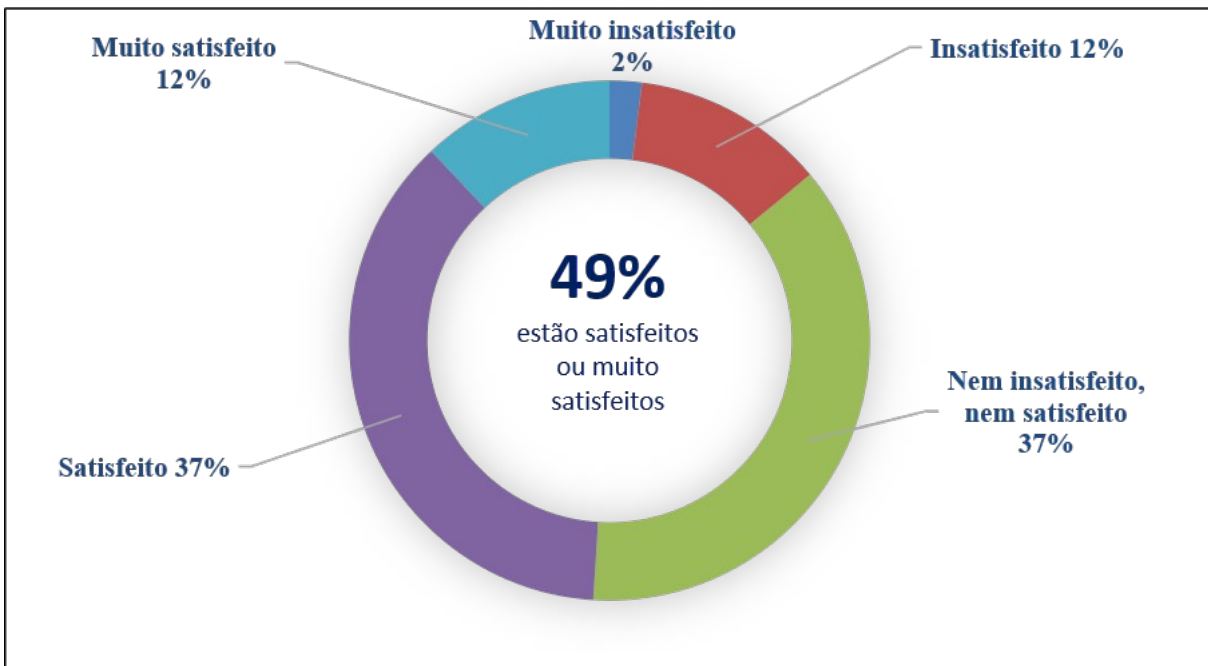
#### 4.4 Percepções quanto aos resultados alcançados com os investimentos em ações

Gráfico 20: Distribuição por parâmetros para avaliar os investimentos



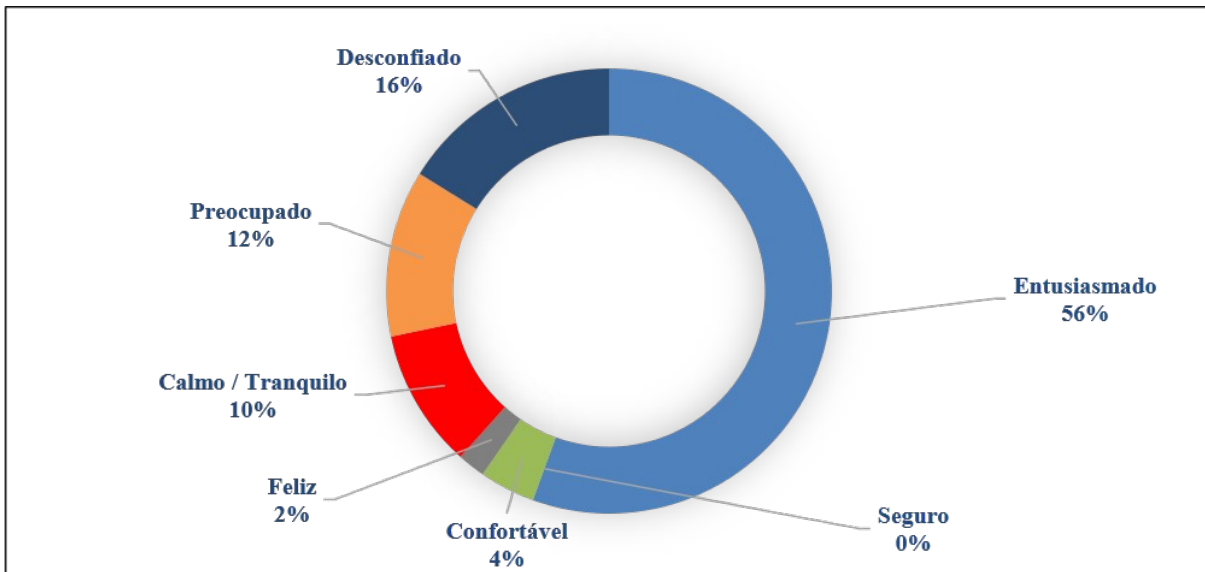
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 21: Distribuição por satisfação quanto aos resultados dos investimentos



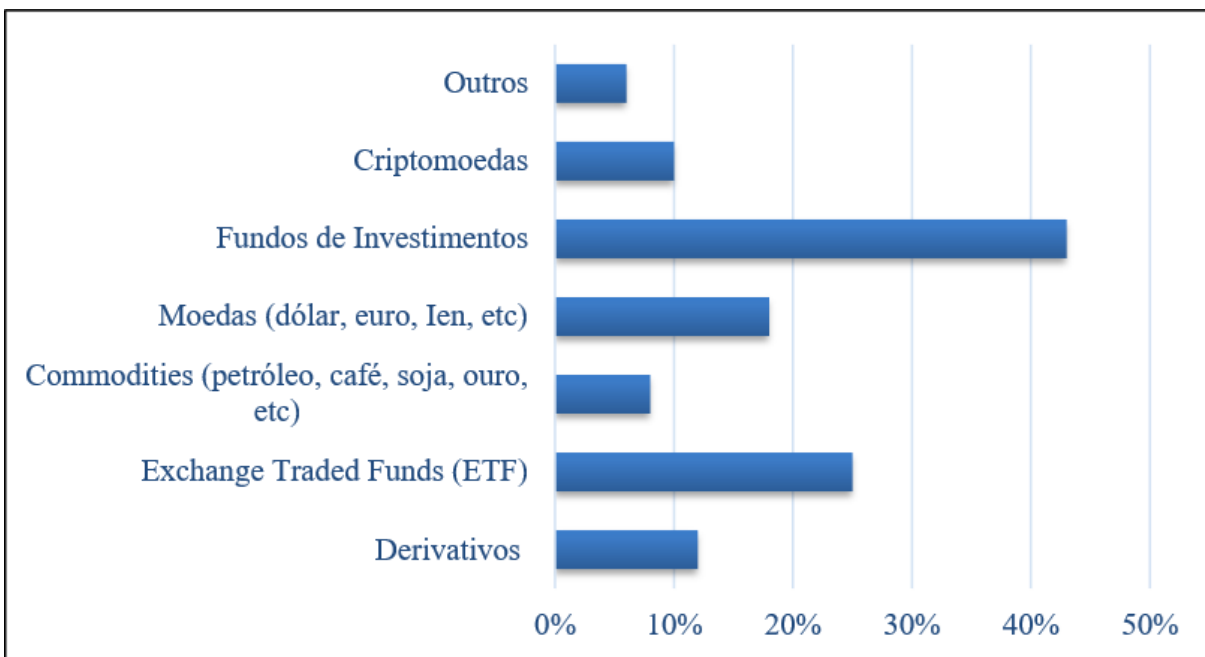
Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 22: Como você se sentiu quando investiu pela primeira vez?



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

Gráfico 23: Possui outro investimento em renda variável?



Fonte: Elaborado pelo Autor (2021).

O grande parâmetro para avaliar o resultado dos investimentos, de acordo com os dados da pesquisa reportados no Gráfico 20, é comparar o rendimento da carteira com a meta estipulada, que foi citado por 37% dos entrevistados. Uma pequena parcela (18%) citou não possuir o hábito de avaliar os resultados. E no que diz respeito a satisfação quanto a esses resultados, o Gráfico 21 demonstra que, individualmente, a mais expressiva resposta foi a dos que se consideram nem satisfeitos, nem insatisfeitos, com 37%. No entanto, 49% estão ou satisfeitos ou muito satisfeitos

com seus investimentos. Lembrando que a coleta de dados foi realizada em Setembro/2021, mês em que o Ibovespa encerrou aos 110.979 pontos, com cerca de 15% de queda em relação ao seu topo histórico de 130.776 pontos, alcançado em 07/06/2021.

Também questionamos aos entrevistados como eles se sentiram diante do primeiro investimento que fizeram em ações, tendo 55% relatado se sentirem entusiasmados, conforme dados do Gráfico 22. Em seguida aparecem os sentimentos de desconfiança (16%) e preocupação (12%). Essa mesma pergunta foi feita pela B3 (2020), e o relatório mostra um resultado de 34% com sentimento de entusiasmo, 24% seguros e 19% confortáveis. Podemos notar que os respondentes dessa pesquisa se apresentam mais preocupados e desconfiados, apesar do maior entusiasmo.

Finalizando o questionário, os entrevistados foram convidados a responder se possuíam mais algum investimento em renda variável, além de ações. Os tipos de investimentos mais citados, segundo dados do gráfico 23, foram fundos de investimentos (43%), *Exchange Traded Funds* ou ETF (25%) e investimento em moedas estrangeiras, como dólar e euro (18%).

## 5. SÍNTESE E CONCLUSÕES

Tentando responder a questão proposta como objetivo geral desse trabalho, quem são os investidores em ações no Brasil, a pesquisa apresentou um perfil predominante de indivíduos do gênero masculino, solteiros, jovens, ensino superior completo ou em curso, assalariados e com renda média mensal acima de 4 salários-mínimos (acima de R\$ 4.400,01).

No entanto, a bolsa de valores está ao alcance de qualquer um. Na pesquisa, por exemplo, foi possível notar investidor com ensino fundamental incompleto, vários com mais de 50 anos e outros com renda inferior a 1 salário-mínimo (R\$ 1.100,00). Portanto, não é uma questão de gênero, estado civil, faixa etária, escolaridade, ocupação ou renda. O hábito de investir está relacionado a educação financeira.

Quanto ao comportamento dos investidores na bolsa e aos seus hábitos de investimento, que são objetivos específicos desse trabalho, apesar de a pesquisa apontar que uma boa parte possui conhecimento de mediano para baixo e de estarem há pouco tempo investindo, no nosso entendimento eles apresentam bons hábitos de investimento. Os investimentos em ações são realizados visando um projeto futuro, de longo prazo e não um enriquecimento rápido. Conseguir resultados rápidos em renda variável exige muito conhecimento, habilidade e experiência.

Chamou-nos a atenção o grau de coesão por parte dos respondentes nas respostas, demonstrando, no nosso entendimento, maturidade. Logo no início eles se posicionaram quanto ao objetivo na bolsa de valores, tendo a maioria estabelecido objetivos para o longo prazo, como independência financeira e aposentadoria. E ao longo do questionário eles foram fiéis a seus

princípios ao relatarem, por exemplo: a preferência pela técnica do *buy and hold*; o fato de realizarem poucas trocas na carteira, independentemente das oscilações da cotação; o hábito de acompanhar com muita frequência as notícias e resultados das empresas nas quais investem, gerando uma proximidade com o investimento e a importância dada a análise fundamentalista para escolha dos ativos, tanto na hora da compra como na hora da venda.

Podemos notar que a análise de investimento em ações é empregada pelos investidores tanto na hora da compra como no momento da venda. Como vimos no referencial teórico, a análise de investimento em ações é uma importante aliada do investidor: enquanto a análise fundamentalista possibilita escolher a(s) melhor(es) empresa(s) para investir, a análise técnica auxilia na escolha do melhor momento para investir em determinada ação.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O Brasil está bem distante de países desenvolvidos no que diz respeito à educação financeira. E está bem distante em relação à porção da população que investe em ações. Esses assuntos precisam ser mais discutidos e fomentados por aqui. Entendemos que discutir educação financeira é contribuir para o futuro do país, através da educação de cidadãos mais conscientes financeiramente, o que acarreta maior qualidade de vida presente e futura. A expectativa é que os dados desse trabalho somam aos já existentes e inspiram mais e mais pessoas a contribuir com esse campo de conhecimento.

O objetivo desse trabalho foi produzir um retrato dos investidores brasileiros em ações: estabelecer um perfil socioeconômico e tentar entender sobre seus hábitos de investimento. Buscamos contribuir com dados práticos sobre essa temática que tem ganhado tantos adeptos no país nos últimos anos.

Vimos através da coleta de dados que o investidor brasileiro, pessoa física, em ações são predominantemente indivíduos do gênero masculino, jovens, solteiros, com formação superior completa ou em curso, assalariados com renda média acima de 4 salários-mínimos e que estão investindo há menos de 2 anos na bolsa. Apresentam conhecimento mediano acerca do mercado de ações, investem na busca de maior rentabilidade e possuem objetivos voltados para o longo prazo, como independência financeira e aposentadoria. Costumam aplicar acima de 20% de sua renda em ações e se utilizam da análise de investimento em ações ao selecionar os ativos. Acompanham com boa frequência notícias e resultados das empresas nas quais investem e também estão de olho nas cotações, apesar de não fazerem muitas trocas na carteira de ações e apresentam boa satisfação quanto aos resultados alcançados.

Sugerimos como tema para estudos futuros o dado levantado aqui em relação ao grau de escolaridade dos investidores, sendo sua quase totalidade composta por indivíduos com curso superior completo ou incompleto. Será que investir em ações é algo complexo acessível apenas a indivíduos com curso superior? Isso se deve ao fato de, por estarem em estágio mais avançado de estudo teoricamente possuem maior informação sobre educação financeira, ou se explica por que ao possuírem mais estudo apresentam maior possibilidade de conseguir empregos com melhor remuneração, dando mais condição de poupança e investimento? Ou não será uma coisa nem outra, essa estatística é apenas uma coincidência?

## 7. REFERÊNCIAS<sup>4</sup>

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e Valor**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ENTIDADES DOS MERCADOS FINANCEIRO E DE CAPITAIS. **Raio X do Investidor Brasileiro**: relatório técnico. ANBIMA. 3ª Ed. 2020. Disponível em: [https://www.anbima.com.br/pt\\_br/especial/raio-x-do-investidor-2020.htm](https://www.anbima.com.br/pt_br/especial/raio-x-do-investidor-2020.htm). Acesso em 16 fev. 2021.

BODIE, Zvi; KANE, Alex; MARCUS, Alan J. **Fundamentos de investimentos**. Trad. Robert Brian Taylor. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

BOLSA, BRASIL, BALCÃO. Disponível em: [http://www.b3.com.br/pt\\_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/historico-pessoas-fisicas/](http://www.b3.com.br/pt_br/market-data-e-indices/servicos-de-dados/market-data/consultas/mercado-a-vista/historico-pessoas-fisicas/). Acesso em 15 fev. 2021.

BOLSA, BRASIL, BALCÃO. **A descoberta da bolsa pelo investidor brasileiro**: Quem são e como se comportam as mais de 2 milhões de pessoas que aplicaram parte de seus recursos em bolsa no último ano. Relatório técnico. Dez. 2020. Disponível em: [http://www.b3.com.br/pt\\_br/noticias/investidores.htm](http://www.b3.com.br/pt_br/noticias/investidores.htm). Acesso em 02 ago. 2021.

BREALEY, Richard A.; MYERS, Stewart C. **Princípios de finanças empresariais**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill de Portugal, 1998.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós graduação. Trad. Lucia Simonini. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CORDEIRO, Nilton José Neves; COSTA, Manoel Guto Vasconcelos; SILVA, Marcio Nascimento da. Educação Financeira no Brasil: uma perspectiva panorâmica. **Ensino da Matemática em Debate**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 69 – 84, 2018.

Day trade ou buy and hold: qual a melhor opção? **Genial Investimentos**, 17 jan. 2021. Disponível em: <https://blog.genialinvestimentos.com.br/day-trade-ou-buy-and-hold/>. Acesso em: 04 ago. 2021.

---

4 De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

FEIJÓ, Amanda Monteiro; VICENTE, Ernesto Fernando; PETRI, Sérgio Murilo. O uso das escalas Likert nas pesquisas de contabilidade. **Revista Gestão Organizacional**. Chapecó, v. 13, n. 1, p. 27-41, jan./abr. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de Administração Financeira**. Trad. Allan Vidigal Hastings. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GOEKING, Weruska. Apenas 3% dos brasileiros investiram em ações em 2020 e média aplicada caiu 31%. **Valor Investe**. São Paulo, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/mercados/renda-variavel/bolsas-e-indices/noticia/2021/01/15/apenas-3percent-dos-brasileiros-investiram-em-aco-es-em-2020-e-media-aplicada-caiu-31percent.ghtml>. Acesso em: 16 fev. 2021.

HALLACK, Pedro. Day trade, swing trade, buy and hold: quais as diferenças. **Estadão**, 21 de mar. De 2020. Educação Financeira. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/day-trade-swing-trade-buy-and-hold>. Acesso em: 04 ago. 2021.

LEMES JÚNIOR, Antônio Barbosa; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula Mussi Szabo. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. 3. reimpressão.

LIIN, Henrique. **O rendimento das aplicações financeiras comparado ao da poupança no município de Panambi, RS – 2013 a 2017**. Monografia (Bacharelado em Ciência Econômicas) - Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da Comunicação (Dacec), da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí). Ijuí, p. 51. 2018.

PIRES, Diniz. et al. Educação Financeira como estratégia para inclusão de jovens na bolsa de valores. **Tourism & Management Studies**, v. 3, 2013, pp. 720-730.

RANGEL, Lorena Mattar. et al. Adoção das Normas Internacionais de Contabilidade – IFRS e o impacto dos investimentos estrangeiros na Bolsa de Valores. **Research, Society and Development**, v. 8, n. 8. 2019.

RUDINK, Gustavo do Carmo. et al. Investimento em ações no mercado brasileiro – Um comparativo dos retornos auferidos por carteiras criadas à luz da análise técnica e fundamentalista. **Revista Liceu On-line**, v. 3, n. 3. jan/jun 2013.

SANTOS, José Carlos de Souza. Tipificação do comportamento dos investidores no mercado de ações brasileiro. **Estudos Econômicos**. São Paulo, v. 49, n. 4, pp. 723-749, out.-dez. 2019.

SAVOIA, José Roberto Ferreira; SAITO, André Taue; SANTANA, Flávia de Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SILVA, Brenda Ferrari da. VITAL, Juliana Tatiane. A estratégia de investimento mais rentável em ações nos últimos cinco anos de empresas registradas pela bolsa de valores. **Revista de Gestão Inovação e Empreendedorismo (GEINOVE)**. V. 2, n. 1, 2020.

## 8. APÊNDICE 1 – Instrumento de coleta de dados

Este questionário objetiva levantar dados que nos auxiliarão a descrever o perfil de investidores brasileiros na bolsa de valores. Trata-se de um trabalho de conclusão de curso (TCC) na Universidade Federal de Viçosa – Campus Florestal, como parte das exigências de obtenção do grau de bacharel em Administração.

Está garantido o anonimato dos participantes nas publicações resultantes deste estudo. A identidade será mantida em sigilo, utilizando-se apenas as informações para fins acadêmicos e científicos.

1 - Investe no mercado de ações?

- Sim
- Não

2 - Gênero

- Feminino
- Masculino
- Outro
- Não responder

3 – Faixa etária

- Até 18 anos
- Entre 19 a 29 anos
- Entre 30 a 39 anos
- Entre 40 e 49 anos
- Acima de 50 anos

4 - Escolaridade

- Ensino fundamental incompleto
- Ensino fundamental
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior
- Pós graduação completa ou incompleta

5 - Renda média mensal

- Até 1 salário-mínimo (até R\$ 1.100,00)
- Acima de 1 até 2 salários-mínimos (entre R\$ 1.100,01 a R\$ 2.200,00)
- Acima de 2 até 3 salários-mínimos (entre R\$ 2.200,01 a R\$ 3.300,00)
- Acima de 3 até 4 salários-mínimos (entre R\$ 3.300,01 a R\$ 4.400,00)
- Acima de 4 salários-mínimos (acima de R\$ 4.400,01)

6 - Estado Civil

- Solteiro (a)
- Casado (a)
- Separado (a) / desquitado (a) / divorciado (a)



- Viúvo (a)
- União estável/amigado (a)

7 – Ocupação:

- Assalariado (a) com registo em carteira de trabalho
- Freelancer/autônomo (a)
- Funcionário (a) público
- Aposentado (a)
- Estudante
- Outros. Especificar: \_\_\_\_\_

8 - Há quanto tempo investe no mercado de ações?

- Até 6 meses
- De 6 meses a 1 ano
- De 1 ano a 1 ano e 6 meses
- De 1 ano e 6 meses a 2 anos
- Acima de 2 anos

9 – Qual foi o principal motivo/razão para você decidir investir em ações?

- Ampliar a carteira de investimentos
- Aprender e aplicar em outras modalidades de investimento
- Baixa remuneração da poupança e queda na taxa de juros
- Buscar produtos de investimento com maior rentabilidade
- Outros motivos/razões: \_\_\_\_\_

10 – Qual (ais) o (s) seu (s) objetivo (s) no mercado de ações? Marque uma ou mais opções.

- Manter o capital aplicado / reserva de emergência
- Independência financeira
- Aposentadoria
- Compra de um imóvel/casa própria
- Fazer uma viagem/passeio
- Compra de carro/moto/caminhão
- Educação dos filhos
- Outros. Especificar: \_\_\_\_\_

11 – Considerando o curto prazo como um período de até 1 ano; médio prazo acima de 1 até 5 anos e longo prazo acima de 5 anos, de uma forma geral como se situam seus objetivos no mercado de ações?

- Curto prazo
- Médio prazo
- Longo prazo
- Não tenho prazo definido.

12 - Qual seu nível de conhecimento sobre o mercado de ações?

- Muito baixo
- Baixo
- Nem baixo, nem alto
- Alto
- Muito alto

13 - Qual porcentagem de sua renda costuma aplicar em ações?

- ( ) Até 5%
- ( ) De 5,1 a 10%
- ( ) De 10,1 a 15%
- ( ) De 15,1 a 20%
- ( ) Acima de 20%
- ( ) Não tenho uma quantia fixa.

14 – Considerando as 3 estratégias de investimentos em ações mais conhecidas no mercado: *day trade* (compra e venda do ativo no mesmo dia), *swing trade* (compra e venda em dias alternados, mas com foco no curto/médio prazo) e *buy and hold* (técnica de investimento voltada para o longo prazo), julgue-as com base na frequência que as utiliza, ou não, nos seus investimentos.

|              | Nunca | Raramente | Às vezes | Frequente<br>mente | Muito<br>frequente<br>mente |
|--------------|-------|-----------|----------|--------------------|-----------------------------|
| Day Trade    |       |           |          |                    |                             |
| Swing Trade  |       |           |          |                    |                             |
| Buy and hold |       |           |          |                    |                             |

15 - Sobre as fontes de informações usadas para embasar seu processo de decisão de compra de uma ação, julgue as afirmativas a seguir com base na frequência que as utiliza, ou não, para consulta.

|  | Nunca | Raramente | Às vezes | Frequente<br>mente | Muito<br>frequente<br>mente |
|--|-------|-----------|----------|--------------------|-----------------------------|
| Conversa com gerente de banco ou com assessor/especialista de investimento |       |           |          |                    |                             |
| Site de notícias/blogs e fórum de investimentos                            |       |           |          |                    |                             |
| Site de relações com investidores da empresa                               |       |           |          |                    |                             |
| Consultorias de investimento   |       |           |          |                    |                             |
| Meios de comunicação (rádio/tv/jornal)                                     |       |           |          |                    |                             |
| Redes Sociais (Instagram, Youtube, Telegram)                               |       |           |          |                    |                             |
| Conversa com parentes/amigos   |       |           |          |                    |                             |

16 - O que te influencia a comprar uma ação? Julgue a importância de cada item abaixo com base nos descritores:

|  | Nem um<br>pouco<br>importante | Não<br>importante | Neutro | Importante | Muito<br>importante |
|--|-------------------------------|-------------------|--------|------------|---------------------|
| Indicação de amigos/parentes             |                               |                   |        |            |                     |
| Indicação de corretoras/casas de análise |                               |                   |        |            |                     |

|   |  |  |  |  |  |
|---|--|--|--|--|--|
| Indicação de youtubers/influenciadores      |  |  |  |  |  |
| Alta expressiva e inesperada na cotação     |  |  |  |  |  |
| Queda expressiva e inesperada na cotação    |  |  |  |  |  |
| Análise fundamentalista                     |  |  |  |  |  |
| Análise técnica                             |  |  |  |  |  |
| Analistas/especialistas recomendando compra |  |  |  |  |  |
| Notícias recentes sobre a empresa           |  |  |  |  |  |

17 - Você acompanha notícias e resultados das empresas nas quais investe?

- ( ) Nunca  
( ) Raramente  
( ) Às Vezes  
( ) Frequentemente  
( ) Muito frequentemente

18 - Com que frequência acompanha as cotações das ações nas quais investe?

- ( ) Nunca  
( ) Raramente  
( ) Às Vezes  
( ) Frequentemente  
( ) Muito frequentemente

19 - O que te influencia a vender uma ação? Julgue a importância de cada item abaixo com base nos descritores:

|   | Nem um pouco importante | Não importante | Neutro | Importante | Muito importante |
|---|-------------------------|----------------|--------|------------|------------------|
| Atingir ao objetivo que eu havia proposto ao fazer a compra |                         |                |        |            |                  |
| Queda expressiva e inesperada na cotação                    |                         |                |        |            |                  |
| Alta expressiva e inesperada na cotação                     |                         |                |        |            |                  |
| A cotação estagnar  |                         |                |        |            |                  |
| Vislumbrar outra opção de investimento melhor               |                         |                |        |            |                  |
| Análise fundamentalista                                     |                         |                |        |            |                  |
| Análise Técnica   |                         |                |        |            |                  |
| Analistas/Especialistas/youtubers recomendando venda        |                         |                |        |            |                  |
| Notícias recentes sobre a empresa                           |                         |                |        |            |                  |

20 - Com que frequência realiza trocas na sua carteira de ações?

- ( ) Nunca  
( ) Raramente  
( ) Às Vezes  
( ) Frequentemente  
( ) Muito frequentemente

21 - Como você se sentiu quando investiu pela primeira vez?

- Entusiasmado
- Seguro
- Confortável
- Feliz
- Calmo / Tranquilo
- Preocupado
- Desconfiado

22 - Qual seu parâmetro para avaliar os resultados dos seus investimentos?

- Comparo o rendimento atual com o resultado do mesmo investimento em períodos anteriores
- Comparo o rendimento atual com outros tipos de investimentos
- Comparo o rendimento atual com outros índices da economia relacionados ao mesmo período
- Comparo o rendimento atual com a meta estipulada
- Não costumo avaliar os resultados

23 - Com relação aos seus resultados alcançados até hoje você se considera:

- Muito insatisfeito
- Insatisfeito
- Nem insatisfeito, nem satisfeito
- Satisfeito
- Muito satisfeito

24 - Além do investimento em ações, possui outro(s) investimento(s) em renda variável?

- Derivativos
- Exchange Traded Funds (ETF)
- Commodities (petróleo, café, soja, ouro, etc)
- Moedas (dólar, euro, Ien, etc)
- Fundos de Investimentos
- Outros: \_\_\_\_\_